



C. S. D. P.
DUPLICATA

ATOS DO CONSELHO SUPERIOR DA SOCIEDADE SALESIANA

SUMÁRIO

I. Carta do Reitor-Mor

Escrevem os Irmãos — A atitude do verdadeiro filho de Dom Bosco — Os Superiores eleitos pelo XX Capítulo — Estamos todos a serviço da Congregação — Amar os Irmãos, primeiro dever do Superior — Servir ao bem da Comunidade — Irmãos e Superiores em comunhão — O superior como futor de unidade na Congregação — A Vontade Divina, ponto de encontro entre os Superiores e os Irmãos — A autoridade é a proteção da liberdade — Os Superiores responsáveis pela renovação.

II. Disposições e normas (nada a assinalar neste número)

III. Comunicações

Observações sobre a edição italiana das "Constituições e Regulamentos" — Novo Bispo Salesiano — Novas Inspetorias — Nomeações de Inspetores — Solidariedade fraterna.

IV. Atividades do Conselho Superior e iniciativas de interesse geral

V. Documentos

Decreto sobre a forma do governo ordinário e sobre o acesso do religioso secularizado aos ofícios e benefícios eclesiásticos.

VI. Magistério Pontifício

A presença da Igreja no mundo, segundo os ensinamentos do Concílio — A identidade do Sacerdote.

VII. Necrológio (1.º elenco de 1972).

I. CARTA DO REITOR-MOR

Turim, 15 de março de 1972.

Irmãos e Filhos caríssimos,

à distância de pouco mais de dois meses da conclusão do nosso Capítulo Geral Especial, tenho o prazer de retomar os nossos encontros, para entreter-nos através destas páginas sobre assuntos que interessam a todos os membros da nossa família, alimentando a unidade, que representa sua energia fundamental.

Penso que a esta altura já tenham chegado a todas as Inspetorias, ao menos na edição oficial italiana, tanto as Constituições renovadas com os relativos Regulamentos Gerais, quanto os “Atos do Capítulo Geral Especial”.

Sei que em muitas Inspetorias já estão distribuindo as traduções e que cada irmão e cada comunidade vão tomando conhecimento com muito interesse de todo esse rico material; estou também informado de que um pouco em toda parte se trabalha com empenho para a preparação dos Capítulos Inspetoriais.

Estamos todos convencidos de que em virtude da nova tarefa que lhe foi assinalada, este Capítulo tem suma importância: à sua ação está de fato ligada a atuação concreta da renovação das comunidades quer locais como inspetoriais. Não estou pois a repetir quanto já disse na introdução aos Atos do Capítulo Geral Especial. Convido-vos apenas a terdes bem presente o conteúdo daquelas páginas.

Escrevem os Irmãos

A respeito das Constituições e dos Atos, recebo já não poucas cartas em que irmãos jovens, de meia idade e avançados em anos de vários continentes me exprimem suas impressões depois de terem tomado conhecimento deles. Cito trechos de tais cartas que me parecem resumir os sentimentos que me foram manifestados por muitos.

“A leitura completa e atenta das Constituições renovadas me induz a escrever para dizer-lhe quanto me parecem belas e de acôrdo com as expectativas mais profundas e mais vivas dos irmãos. O Capítulo Geral teve em nível de crônica os seus momentos difíceis e suas tensões; e era natural que assim fosse. Mas o fruto mais esperado que ele deu e para o qual, sem dúvida, contribuíram todas as dificuldades e essas discussões, está acima dos eventuais “desencontros”.

Parece-me na verdade, que Dom Bosco tenha colocado sua mão e guiado as coisas a um bom termo. Um termo que na realidade é apenas um ponto de partida para a esperada renovação, em vista da qual cumpre agora a todos arregaçar as mangas”.

E eis o que escreve um jovem sacerdote: “Encontrei-me diante de riqueza tão maravilhosa que exclamei: “Hic digitus Dei” e se me renovou espontânea a alegria da minha profissão... reacendeu-se-me o entusiasmo por Dom Bosco vivo, palpitante... renovaram-se-me os compromissos de fidelidade e de trabalho. É extraordinariamente belo pensar que na Congregação há lugar para todos os homens de boa vontade, que deveras querem amar a Deus no serviço dos irmãos... Bendigo a Providência que me fez saborear este renascimento da nossa Congregação e lhe afianço e prometo que, a partir de hoje, começa para mim o tempo de “trabalhar, atuar, executar” no dever e na alegria de ser salesiano...”

Neste espírito, com a vontade de adesão consciente e fidelidade à renovação da Congregação, irmãos e comunida-

des quiseram renovar sua consagração de acordo com a nova fórmula contida nas Constituições: é este o caminho para sentir-se filho de Dom Bosco hoje.

A atitude do verdadeiro filho de Dom Bosco

Não ignoro que aqui e ali haja quem, embora partindo de motivos opostos, tome um idêntico comportamento crítico, antes, negativo, diante das conclusões do Capítulo Geral. Não estou a repetir quanto disse e escrevi a propósito, especialmente apresentando as Constituições e os “Atos”. Remetto-vos a uma leitura atenta daquelas páginas.

Creio ser oportuno realçar aqui dois aspectos em relação a tais comportamentos e especialmente às suas motivações opostas.

Antes de mais nada, para quem crê encontrar-se diante de “coisas totalmente diversas” das que professou, convém recordar que as Constituições têm sempre reconhecido no Capítulo Geral a faculdade de mudar os artigos, sempre porém, no espírito das mesmas (art. 125 das Constituições de 1966). É o que fez o recente Capítulo, também em obediência às claras normas da Igreja.

É necessário convencermo-nos de que para ser deveras bons salesianos é preciso que nos coloquemos na linha do Capítulo, se não quisermos cometer o mesmo erro daqueles que se dizem católicos, mas contestam o Papa e o Concílio por certas normas e mudanças que não correspondem aos seus pontos de vista. Em última análise, esses põem-se intimamente de acordo com os que, do outro lado, recusam reconhecer a legítima autoridade.

Estes últimos sentem-se desiludidos nas suas expectativas, visto que as deliberações do Capítulo Geral não seriam, segundo o seu parecer, suficientemente avançadas. A estes gostaria de relembrar como em qualquer sociedade, quando

o supremo órgão representativo e legislativo, como é o caso do nosso Capítulo Geral, depois de longos estudos, debates, etc., tomou deliberações, todos os que pertencem a essa sociedade estão obrigados a aceitá-las e observá-las: trata-se de um fato óbvio e de bom senso social.

Estas observações baseiam-se exclusivamente em argumentos essencialmente humanos. Coisa bem diversa poder-se-ia dizer dentro do plano religioso salesiano. Parece-me que o comportamento do verdadeiro filho de Dom Bosco neste momento não pode ser senão de aceitação sincera e concreta do Capítulo Geral Especial. Enquanto, porém, convido cada um a tomardes clara consciência dos empenhos a que a Renovação querida por ele vos chama, parece-me ser de minha obrigação recordar que o Capítulo antes de mais nada exige de modo inequívoco que cada um de nós reaja e — se for o caso — se liberte resolutamente de toda forma de compromisso na sua vida de consagrado e de apóstolo. Se isto não se desse, como se poderia falar seriamente de renovação da Congregação? A renovação, se não se quizer reduzi-la a simples fatores técnicos, exteriores, exige de cada um, e portanto das comunidades, uma vida e uma conduta de coerência linear tal que, excluindo decididamente toda concessão ao compromisso, seja diante de todos testemunho autêntico de fidelidade à própria vocação.

Como aludia acima, em todas as Inspetorias ferve o trabalho de aprofundamento dos Documentos Capitulares. As Constituições renovadas são entregues com funções comunitárias apropriadas e preparam-se intensamente os capítulos inspetoriais. Eis a maneira eficaz para tornar fecundo o ingente trabalho do Capítulo. Cada um, seja qual for a sua posição de responsabilidade, esteja ativamente presente em toda essa animada ação, em primeiro lugar com o estudo atento dos Documentos Capitulares e em seguida promovendo em si e nos outros aquele processo de assimilação, principalmente do espírito de que estão imbuídos, que é premissa necessária para a atuação integral, que deve dar

às nossas comunidades uma feição e, antes ainda, um estilo de vida, religiosa e salesianamente, renovada.

Os Superiores eleitos pelo XX Capítulo

Mas, o escopo desta minha carta é, entre outras coisas, o cumprimento de um dever até agora não realizado: comunicar oficialmente o nome dos Superiores eleitos no XX Capítulo. É verdade que pelos noticiários e outras comunicações, fostes já informados dos resultados das eleições, mas não houve a comunicação requerida pelo artigo 121 dos Regulamentos Gerais.

Eis pois os nomes dos eleitos com o respectivos encargos :

Pe. Caetano Scrivo, Vigário.

Pe. Egidio Viganò, Conselheiro para a Formação.

Pe. Rosálio Castillo, Conselheiro para a Pastoral dos Jovens.

Pe. João Raineri, Conselheiro para a Pastoral dos Adultos.

Pe. Bernardo Tohill, Conselheiro para as Missões.

Pe. Rogério Pilla, Ecônomo Geral.

Pe. Luís Fiora, Conselheiro Regional para a Itália e Oriente Médio.

Pe. José Gottardi, Conselheiro Regional para a Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai. (1)

Pe. José Henríquez, Conselheiro Regional para as Antilhas, Bolívia, América Central, Chile, Colômbia, Equador, México, Peru, Venezuela.

Pe. Antonio Mélida, Conselheiro Regional para Portugal e Espanha.

1 Cfr. nota no fim desta carta.

Pe. João Ter Schure, Conselheiro Regional para a África Central, Áustria, Bélgica, França, Alemanha, Iugoslávia, Holanda.

Pe. Jorge Williams, Conselheiro Regional para a Austrália, China, Filipinas, Japão, Índia, Inglaterra, Irlanda, Estados Unidos, Tailândia.

Para a Polônia, como sabeis, o Reitor Mor providenciará : o que fará o mais cedo possível.

Estamos todos a serviço da Congregação

Deveria agora falar de mim... mas prefiro dispensar-me disso.

Sabeis como andaram as coisas. Permaneci carregando esta cruz porque me pareceu ver na vontade expressa pelos capitulares a vontade do Senhor que, não obstante todas as minhas deficiências me convidava a continuar servindo à minha querida Congregação e a todos vós e portanto à Igreja.

Não me parece supérfluo repetir-vos quanto eu dizia aos capitulares: “não me deixeis sozinho!”. Continuai, pois, a ajudar-me com a vossa oração, confortai-me com a vossa cordial colaboração, com a vossa afetuosa compreensão.

Os problemas que se nos apresentam dia a dia são inúmeros e não raro estão longe de serem simples.

Superiores e Irmãos temos todos os mesmos interesses e ideais: sintamos, pois, como dirigida a nós a palavra que nosso Pai repetia aos nossos primeiros irmãos: vivei, trabalhai “in unum”! A nossa comunhão nos fará superar tantas dificuldades. De minha parte vos confirmo que todas as minhas forças são e serão dedicadas ao serviço da Congregação, de cada um de vós: sentir-me-ei feliz toda vez que puder dar a um irmão uma ajuda, um conforto.

Também os outros Superiores estão perfeitamente solidários comigo, dentro dessa linha. Convencidos de que somos responsáveis pela realização da renovação querida pelo Capítulo para a Congregação, entendemos exercer o mandato a nós confiado, no espírito e no estilo que nos é claramente indicado pelas Constituições e por todos os Documentos do Capítulo Geral.

A respeito disso, há artigos das Constituições, (por exemplo os artigos 93, 125, 126, 127, mas não só estes), que todos devemos aprofundar e meditar, (quer tenhamos sido chamados a prestar o serviço da autoridade, quer devamos colaborar com ela para o bom andamento da Comunidade).

Amar os Irmãos, primeiro dever do Superior

Agora permiti-me que diga uma palavra àqueles que têm a responsabilidade de servir no exercício da autoridade estendendo obviamente, pela natureza mesma das coisas, a conversa aos outros irmãos.

Amar os Irmãos me parece ser o primeiro dever do Superior. O art. 125 das Constituições diz que o seu “serviço” tem por finalidade promover a caridade entre os irmãos. Tal dever, é claro, supõe que ele dê antes de tudo o exemplo: ame os Irmãos, e os ame tais como são, até com os seus defeitos. Para que tal amor, como nos ensina Dom Bosco, seja eficaz deve ser manifestado concretamente; é preciso fazê-lo sentir ao irmão, que permanece sempre homem, com sua insuprimível sensibilidade humana, com um coração que tem necessidade de sentir-se amado. Não é preciso que o superior vá procurar as ocasiões para exprimir seu amor ao irmão: pode-se dizer que elas se nos oferecem a cada instante da vida comunitária: basta captá-las. Neste clima, também a correção, que é outrossim um serviço sempre obrigatório movido e animado pelo amor, será de mais bom grado aceita, tornando-se mais eficaz.

E com o amor o Superior demonstrará a estima e a confiança nos irmãos. Dom Bosco, lembrado no Documento 12 dos Atos Capitulares, também nisso é mestre para nós. Confiando, obtinha de homens, nem sempre superdotados, um rendimento incrivelmente elevado e uma dedicação sem limites.

É preciso, porém, recordar que à confiança da parte do Superior deve corresponder a sinceridade e a fidelidade da parte dos irmãos. Como pode pretender continuar gozando da mesma confiança o homem que esbanja e desfruta, para seus interesses pessoais, o patrimônio que se lhe confiou para administrar e fazer frutificar?

Enfim, não se pode esquecer que a autoridade se recebe e exerce para servir ao bem dos irmãos, não às suas fraquezas ou infidelidades. Caridade, humildade, compreensão devem animar sempre quem exerce a autoridade em qualquer nível; mas tudo isto não deve ser de modo algum confundido com formas de abdicação da autoridade para seguir servilmente àqueles a quem, ao invés, a autoridade é chamada a guiar. O silêncio, o deixar correr de qualquer maneira, diante de abusos evidentes, arbítrios e erros, seria na verdade, uma conivência. Isso poderia talvez criar no momento certo clima de popularidade e certo número de aprovações ao redor de quem exerce a autoridade, mas a que preço para os verdadeiros interesses da comunidade! A experiência ensina que os frutos amargos de tais abdições não se fazem esperar.

Servir ao bem da Comunidade

O art. 54 das Constituições renovadas apresenta uma síntese verdadeiramente feliz dos deveres que competem ao Superior para “servir” à comunidade no espírito evangélico, conciliar e salesiano.

Remetendo-vos à leitura meditada desse artigo, agrada-me colocar aqui em relevo algumas linhas essenciais que nele sobressaem.

“O primeiro dever do Superior diz respeito à comunidade como tal”. É um conceito que foi repetidamente acentuado durante o Capítulo. O Superior de per si não é o grande organizador, não é o perito em técnicas, em escolas, não é o hábil administrador ou o genial construtor: o Superior é colocado pela Congregação como cabeça daquela comunidade para que lhe seja em primeiro lugar o Pastor. A lista não breve de seus deveres, contida no art. 54, quer em relação ao indivíduo, como à comunidade, é a prova dessa vontade da Congregação, vontade que corresponde a uma absoluta necessidade. De todos esses “deveres” gostaria de colocar em evidência aquele que se costuma chamar de “magistério” do Superior.

A Constituições (art. 54) o definem “mestre e guia espiritual”, por isso “orienta e estimula as consciências na fidelidade à Regra”. Mas, como poderia sê-lo para cada um e para a comunidade, hoje especialmente, se não exercita aquele magistério que é um dos aspectos mais importantes do exercício da autoridade? Como poderia “ajudar os irmãos a realizarem melhor sua vocação pessoal” (art. 54) se os privasse desse insubstituível e precioso serviço?

É óbvio que o superior para dar conta desse dever tem necessidade de uma assídua e sistemática atualização pessoal através de um contato sério e profundo com aquela literatura religiosa, espiritual, salesiana, ao menos essencial, que não pode faltar em nenhuma comunidade.

É supérfluo dizer que tal atualização não se dará haurindo de certas cisternas que dão somente águas amargas, mas indo às fontes puras que promanam direta ou indiretamente do magistério eclesiástico ou salesiano.

Não sei como pode sentir-se verdadeiramente a serviço da renovação da comunidade um Superior que não esteja seguindo este caminho.

É supérfluo também dizer que a obra do magistério seria vã se não se apoiasse sobre a vida, sobre o ser, sobre o exemplo do Superior: o Pastor (e o Superior é sempre Pastor em relação aos seus irmãos) não pode limitar-se a indicar o caminho, mas o abre precedendo suas ovelhas.

No art. 54, ainda, sempre a respeito do serviço que o Superior é chamado a prestar à sua comunidade, encontramos um período que deve ser muito meditado: o Superior “é o centro da comunidade: irmão entre irmãos, que coordena os esforços de todos, tendo em vista os direitos, deveres e capacidades de cada um”.

Não se trata, portanto, de simples coordenação, de organização de trabalho, mas, de algo mais profundo e precioso. Foi escrito: “sem a unidade não se pode pensar em servir a Cristo de modo corajoso e total”. E o Superior tem o difícil mas maravilhoso mandato de suscitar a unidade, aquela comunhão, que afundando as suas raízes na caridade, destrói os efeitos do individualismo que desagrega, tão fácil de renascer no homem, e que paralisa a marcha da comunidade.

Irmãos e Superiores em comunhão

Esta comunhão, se exige da parte do Superior um trabalho constantemente animado de espírito sobrenatural, tecido de paciência, de humildade, de discrição, exige também que cada irmão, no seu relacionamento com o Superior, se ponha em um plano sobrenatural, com uma serena e objetiva visão e valorização das coisas. Uma atitude hostil, de oposição ou até mesmo de reinvidicação, um desejo de impor como o melhor o próprio ponto de vista, o fazer pouco caso das correções e diretrizes do Superior, todas estas coisas são armas, infelizmente por demais eficazes para dividir aquilo que deve estar unido, para desagregar em lugar de construir.

Um dos meios mais eficazes para construir e alimentar a unidade é o de valorizar cada um dos irmãos, consideran-

do-os sempre como irmãos adultos. Outro meio é o de interrogar com frequência o Conselho e de levar em conta o seu parecer, sem ficar preocupado se existe desacordo; ao Superior compete fazer síntese de tudo e pôr em prática as decisões oportunas; um terceiro meio é o de informar e interessar devidamente a comunidade sobre tantos problemas que enfim de contas pertencem a todos os irmãos e que não podem ser “campo reservado”. Deste modo é que se cria a corresponsabilidade e com ela a comunhão que é fonte daquela paz que é harmonia, ordem e serenidade. De fato, é no exercício desta corresponsabilidade que os irmãos encontram campo de preparação para o exercício bem entendido da autoridade.

É claro que não diz respeito apenas ao Superior, mas a todos os membros da comunidade, contribuir para criar esse clima. Estes, como irmãos adultos e consagrados, compreendem o difícil encargo que o Senhor confiou ao Superior, com as dificuldades e as angústias que quase sempre este cargo traz consigo; suportam as suas possíveis fraquezas; em uma palavra, amam-no não tanto por seus dotes humanos, o que poderia facilmente trazer conseqüências negativas, mas, em primeiro lugar, pelo “sacramento” de que é portador na comunidade.

Não é segredo que hoje muitos encontram dificuldades freqüentemente insuperáveis para aceitar o exercício da autoridade, enquanto outros procuraram livrar-se deste peso. Tal situação convida a todos meditarmos um pouco.

Por um lado, não se pode “desertar” do posto de responsabilidade a que o Senhor chama, embora através de meios humanos, pelo simples fato de que o serviço da autoridade seja hoje cheio de dificuldades. Por outro lado, sobretudo por isso, todo salesiano deve sentir-se particularmente obrigado em espírito de fraternidade e de amor a tornar fácil o dever às vezes verdadeiramente espinhoso e pesado que o Superior deve desempenhar na comunidade.

O Superior como fautor de unidade na Congregação

A respeito da unidade é preciso ainda dizer que ela não se relaciona só com a comunidade local, ou ainda inspetorial, mas se relaciona com toda a Congregação.

No artigo 56 das constituições lê-se que todos nós somos partes vivas da comunidade mundial que é a Congregação, participando da “comunhão de espírito, de testemunho e de serviço que a Congregação oferece à Igreja”. Tal comunhão é incrementada “pela solidariedade, pela comunicação e informação, pela unidade e união com o Reitor-Mor e o seu Conselho”.

É uma grande realidade que deve ser vivida por todos os membros da Congregação: não pode permanecer apenas simples afirmação. Pois bem, aqueles que nas comunidades inspetoriais e locais exercem em qualquer posto a autoridade são com certeza os primeiros e os mais diretamente responsáveis desta comunhão que se torna operante através das quatro grandes forças: a solidariedade, a comunhão, a informação, o entrosamento, que nos permitem gozar das riquezas e da fecundidade apostólica dessa comunidade, que por ser tão vasta, não deixa de ser igualmente real.

Isto se fará tanto mais intensamente enquanto se deverá atuar o princípio de subsidiaridade e de descentralização: princípio que confiando novas responsabilidades às comunidades inspetoriais e locais e aos respectivos Superiores, os engaja seriamente numa dupla frente. De um lado, diante dos novos deveres, se devem evitar vazios e desvios de poder que seriam sem mais gravemente prejudiciais, mesmo ao bem da respectiva comunidade. De outro lado, a subsidiariedade e a descentralização exigem, para o equilíbrio e a harmonia de uma comunidade inspetorial e mundial, real e viva, que todos aqueles que exercem a autoridade em qualquer nível cooperem na construção daquela ponte ideal que torna concretamente operante e fecunda a

solidariedade, a comunicação, a informação e o entrosamento. Tal ação é de vital importância neste momento de evolução, no enquadramento e no estilo de toda a nossa vida comunitária.

É fácil compreender que papel insubstituível têm em toda esta ação todos os que exercem uma autoridade. Tenho toda a confiança que eles, bem conscientes de tal responsabilidade, não decepcionarão tal confiança, mas torna-se-ão os promotores e os animadores de toda a ação que sirva para dar alimento e substância à unidade na Congregação.

A vontade divina ponto de encontro entre os Superiores e os Irmãos

As palavras ditas aos Superiores mostrando-lhes suas responsabilidades levam naturalmente à reflexão sobre a relação entre autoridade e obediência. O Documento 12 sobre a obediência, segundo a melhor doutrina eclesial e conciliar e seguindo a linha da tradição e do ensino do nosso Pai, ilumina o nosso argumento e consegue sintonizar dois valores que hoje, com uma visão muito unilateral das coisas, se procura pôr em contraste.

Bem sei que o falar hoje de autoridade é impopular e exige coragem, mas agrada-me pensar que nenhum de nós quererá alienar-se em um conformismo que, segundo a expressão de Maritain, geralmente é fruto de uma “inteligência ordinária”, mas pelo contrário preferirá colher com objetividade serena e aberta, idéias, considerações e colocações que iluminam o problema.

Não pretendo pois apresentar-me aqui como o advogado da autoridade, mas, desejo somente apresentar-vos alguns elementos de útil reflexão sobre o assunto, seguindo a linha da renovação bem entendida, empreendida pelo nosso Capítulo Geral Especial.

Começamos dizendo que, segundo algumas constatações profundas do Pe. De Lubac, “a oposição entre autoridade e liberdade, autoridade e obediência, como a oposição entre carisma e instituição, unidade e pluralismo etc., mais que um pensamento crítico, revela um modo de pensar por reação, por ressentimento, poder-se-ia dizer, por preconceito, devido a certa paixão, ainda que não advertida. Principalmente nas coisas da vida espiritual, quando se esvazia a realidade, caricaturiza-se um dos termos com o fim de livrar-se dele: neste caso, até o termo que se quer conservar e engrandecer fica inevitavelmente mal entendido”. Mas devemos recordar que “toda a vida é síntese. A vida do mistério cristão é síntese por excelência. Ela é sempre um equilíbrio de plenitude”.

Na realidade, precisamente por causa dessa síntese e plenitude de equilíbrio, tanto o Superior como o simples irmão se descobrem na obediência à vontade de Deus à qual ambos são chamados. Não teria sentido nos lábios de um Superior, hoje especialmente, o “quem manda aqui sou eu”. Não, a autoridade é exercício de obediência e não de poder. É somente Deus quem manda! Súbdito e Superior, ambos obedecem à vontade de Deus: o Superior obedece procurando conhecê-la para poder manifestá-la ao súbdito, de acordo com o encargo que lhe foi confiado. Por isso fará calar-se a própria vontade.

O súbdito a aceitará através dessa mediação, que precisamente por ser tal, deve ser purificada de qualquer forma de egoísmo: deve ser exercida com humildade sincera, e, por ser então expressão da vontade de Deus, que é amor, será sempre animada e revestida de caridade fraterna.

Mas, se esta cristalina pureza de espírito e de intenção é requerida no Superior para desempenhar o tremendo encargo de interpretar e ser o mediador da vontade de Deus junto do irmão, este tem o dever não menos grave de não impedir e de não substituir, com expedientes sugeridos por um mesquinho egoísmo, embora camuflado por motivações

sugestivas, a vontade de Deus pela sua. É este um perigo que hoje especialmente, pode levar a enganos portadores de conseqüências totalmente negativas.

A autoridade é a proteção da liberdade

Aqui se insere todo o arrazoado sobre o diálogo em relação à obediência, diálogo que deve encontrar nos seus dois protagonistas almas que intentam conhecer com sincera humildade e concretamente o que o Senhor quer, não já para o bem exclusivo do indivíduo, mas, em relação e a respeito da comunidade na qual o indivíduo, conscientemente integrado, é célula viva.

“Obedecemos ambos, encorajemo-nos mutuamente e para a frente!” Eis a palavra sábia e construtiva que a autoridade, cada autoridade em sua atuação, deve dizer ao irmão, seja ele quem for.

Mas, olhando bem, a oposição à autoridade tem dupla explicação. De um lado o respeito à pessoa, à participação e à corresponsabilidade, hoje particularmente sentido, mas sujeito também a fáceis deformações. De outro lado o conjunto de erros e infelizmente também de abusos que pessoas investidas de autoridade cometeram, e que talvez ainda cometam agora no exercício da mesma. Não podemos fechar os olhos diante dessas realidades: elas nos convidam a um sério exame de consciência. Devemos porém reconhecer, que muitas vezes tal posição provém da confusão entre autoridade e autoritarismo, que é deformação da mesma. Em poucas palavras, o autoritarismo é identificado com a autoridade, daí as invectivas contra ela. Seria o mesmo que combater a justiça porque existem juizes corruptos, ou a medicina porque existem médicos ignorantes, negligentes, etc.

Mas quais são as conseqüências da oposição à autoridade, (não ao autoritarismo), manifestada nas mais variadas for-

mas, da crítica áspera e violenta à contestação, à desobediência e à rebelião?

Um sociólogo de Berkeley, Tomas Faber, a propósito da contestação juvenil americana, que parece denotar certo cansaço, pronunciou recentemente estas pesadas palavras: “A morte da autoridade criou a maldição da incerteza”. Em seguida acrescenta mais explicitamente: “Sem normas não há modos de dizer “não” e, pior ainda, nenhum modo de dizer “sim”. O que significa, em palavras pobres, algo como a paralisia de uma sociedade.

De resto cada um no âmbito da sua pequena ou grande experiência terá podido constatar como em qualquer ambiente, incluído o religioso, a ausência de uma autoridade operante leva automaticamente ao arbítrio, ao abuso que prejudica normas fundamentais de convivência e colaboração, à violação da liberdade daqueles que querem ser coerentes com os empenhos de uma ordem ou de uma vocação. Leva também ao abafamento, ao desequilíbrio e à desorganização das forças comunitárias, que, pelo contrário devidamente guiadas e harmonizadas pela autoridade, respeitando as competências individuais, seriam construtivas e produtivas para o bem comum. Quanta razão devemos dar a Chesterton quando afirma que “a autoridade é a proteção da liberdade”.

Se não quisermos perdoar a certas atitudes conformistas do momento, deveremos reconhecer, conforme a expressão de Maritain, que autoridade e liberdade de per si “são irmãs gêmeas e que uma não pode dispensar a outra”.

A autoridade, portanto, não de qualquer modo deformada, mas, entendida, interpretada e praticada conforme os ensinamentos conciliares em cuja pista movimentou-se nosso Capítulo com as suas claras diretrizes — devemos reconhecê-lo — é não só necessária, mas fonte de bem para todos.

A autoridade, para usar uma palavra tão freqüente depois do Concílio — também fora da Igreja, com o risco de se

tornar um lugar comum — é um “serviço” insubstituível à comunidade, a toda as comunidades.

Disse “serviço”, e espero que o significado rico e profundo desta palavra não seja de modo algum distorcido e esvaziado. Trata-se de um serviço que tem por raiz e por fim a fé e a caridade; por isso, quem exerce a autoridade consagra-se ao bem dos irmãos. É um conceito que nos foi ensinado pelo Evangelho, por Cristo em pessoa, e com que nobreza! Podemos acrescentar, que nosso Pai Dom Bosco interpretou com fidelidade extrema esse ensinamento e exemplo evangélicos.

Os Superiores responsáveis pela renovação

Concluamos. Na linha de quanto até aqui vos disse, cada qual, ampliando o horizonte, pode ver a parte que cabe aos superiores na atuação capilar de todas as diretivas e normas do XX Capítulo Geral.

Mais de uma vez, mesmo durante os debates capitulares, ouvimos dizer que o Capítulo Geral XIX com todas as suas deliberações corajosas e positivas havia ficado em grande parte só no papel ou era interpretado muitas vezes de maneira distorcida. Se, como parece, há algo de verdadeiro nessa afirmação, aquilo que aconteceu deve ser uma advertência para todos os salesianos, mas especialmente para os Superiores, tanto no centro como nas Inspetorias e em cada uma das comunidades. A renovação se tornará uma realidade se antes de tudo os que têm a responsabilidade de governo forem os propulsores convictos e metódicos da mesma. Uma certa frieza, uma atitude passiva ou quase de desconfiança será prejudicial. Porisso, repito, é necessário antes de tudo que os Superiores, antes mesmo que os demais salesianos, estejam empregnados através de um diligente estudo, de todo o espírito que anima os Documentos Capitulares.

Todos devemos fazê-lo, e o faremos com solicitude, com decisão, com confiança, e especialmente com sincero amor à Congregação, que necessita desta transfusão de sangue jovem, deste ar que, na fidelidade ao nosso Pai, a renove, imprimindo nela o arrojo das origens para as necessidades dos novos tempos.

Caríssimos irmãos, eu vos escrevi “in sinceritate cordis”, algumas reflexões que me vieram à mente no início das atividades do novo Conselho Superior, depois do grande acontecimento do Capítulo Especial.

A acolhida cordial que a elas derdes será uma contribuição eficaz à obra da Renovação para a qual todos somos chamados a ser, no Pós-Capítulo, artífices convictos e fervidamente operosos.

Desde já um bom trabalho, ombro a ombro, com a bênção de nossa Mãe Auxiliadora, e em nome de Dom Bosco.

SAC. LUIS RICCERI
Reitor-Mor

Nota Importante: o Pe. José Gottardi encontrava-se há poucos dias em Turim e tinha iniciado a sua atividade no Conselho Superior quando foi publicada a notícia de sua nomeação para Bispo Auxiliar de Mercedes, (Uruguai).

De conformidade com o art. 147 das Constituições deveu-se providenciar o seu substituto. O novo Conselheiro Regional para a zona Atlântica é o **Sr. Pe. João Vecchi**, delegado da Inspeção da Bahía Blanca ao Capítulo Geral Especial.

Ao novo Bispo chamado para assumir a importante e delicada missão de Pastor e ao Pe. Vecchi, que será nosso colaborador no serviço à Congregação, nossas felicitações e a nossa oração.

III. COMUNICAÇÕES

1. Observações sobre a edição italiana das “Constituições e Regulamentos”.

O texto italiano dos “Atos do Conselho Superior” traz aqui algumas correções do impresso dos “Atos do Capítulo Geral Especial XX”.

Uma vez que tais correções já foram inseridas na tradução portuguesa, são omitidas aqui. Quem quisesse inteirar-se das mesmas pode consultar os “Atos do Conselho Superior” em sua edição oficial italiana.

2. Novo Bispo Salesiano

O Santo Padre promoveu à Igreja titular episcopal de Belcastro o Revmo. P. José Gottardi, membro do Conselho Superior da nossa Congregação, nomeando-o ao mesmo tempo Auxiliário de S. Excia. Revma. D. Henrique Lorenzo Cabrera Urdangarin, Bispo de Mercedes (Uruguai).

3. Novas Inspetorias

Com a deliberação de 22 de dezembro de 1971, foram erigidas como Inspetorias as três Visitadorias de Dublin (Irlanda), Zagábria (Iugoslávia) e Bombaim (Índia).

4. Nomeação de Inspetores

- P. Miguel Egan para a Inspetoria de Dublin (Irlanda).
- P. Nicolau Pavicic para a Inspetoria de Zagábria (Iugoslávia).
- P. Dionísio Duarte para a Inspetoria de Bombaim (Índia).
- P. Ismael Mendizabal para a Inspetoria de Valença (Espanha).
- P. Inácio Velasco para a Inspetoria de Caracas (Venezuela).
- P. Sergio Cuevas para a Inspetoria de Santiago (Chile).
- P. José Sangali para a Inspetoria de Gênova (Itália).
- P. Heitor Lecuona para a Inspetoria de Montevideu (Uruguai).
- P. Cadmo Biavati para a Inspetoria de Roma (Itália).

5. Solidariedade fraterna

O Capítulo Geral Especial evidenciou freqüentemente todo o valor da Solidariedade na Congregação.

Nesta linha o Reitor Mor exprime seu apreço e também o vivo reconhecimento das Comunidades necessitadas de ajuda, que constam concretamente os frutos da caridade fraterna.

Ao mesmo tempo convida a torná-la sempre mais generosa e operante, na certeza de que ela nos faz sentir a realidade dos laços que nos une a todos na Congregação.

Lembra que a Quaresma e o Advento são os tempos mais próprios para demonstrar praticamente aos irmãos necessitados que nos preocupamos com as suas necessidades muitas vezes prementes.

Não nos esqueçamos que um copo d'água dado por amor é fonte de enriquecimento tanto para quem dá como para quem recebe. Por isso as comunidades pobres podem fazer muito, embora com modesta contribuição, pelos outros irmãos.

Além disso convida-se as Comunidades a enviar ao Centro os frutos da própria solidariedade, também no caso de que as contribuições tenham sido destinadas pelos doadores a determinadas obras.

Contudo deve-se lembrar que em geral só a Direção Geral está em condições de conhecer tantas obras e atividades verdadeiramente necessitadas e está apta a ajudá-las adequadamente. Portanto, convém que ao menos uma parte da soma recolhida seja enviada à Direção Geral sem condicionar a destinação.

As somas recebidas das Comunidades serão registradas sob o nome das próprias Inspetorias. Em todo caso, são respeitadas as destinações dos doadores.

Inspetorias que enviaram ofertas:

ITALIA

1.500.000	Subalpina	160.000	Pulhense
7.000.000	Central	680.000	Romana
500.000	Ligure	1.200.000	Siciliana
350.000	Lombarda	1.088.000	Vêneta S. Marcos
6.500.000	Novarense	148.000	Vêneta S. Zeno
408.000	PAS		

EUROPA

479.020 Áustria	82.470 Portugal
400.000 Bélgica Norte	906.409 Espanha Barcelona
560.000 França Sul	226.700 Espanha Bilbao
400.000 Holanda	

ÁSIA

340.040 Oriente Médio	951.875 Tailândia
10.000 Coreia	30.000 África Central

AMÉRICA

19.000 Antilhas	113.750 Paraguai
633.500 Argentina Córdoba	831.350 USA São Francisco
506.000 Bolívia	2.792.740 Vários Capitulares
369.175 Equador Cuenca	120.000 Ofertas de não sa-
63.000 México-Guadalajara	sianos
Total recebido de 10/2/71 a 15/3/72	29.391.329
saldo anterior	40.727
Total	29.431.756

Destinação das somas recebidas

AMÉRICA

Antilhas	Haiti: "Maison Populaire d'Education" de Cap-Haitien	112.000
"	Haiti: ao P. Bohnen para os pobres de Port-au-Prince	1.000.000
"	República Dominicana: Paróquia S. Domingos Sávio	600.000
Argentina	Paraná: Colégio Salesiano Henrique Carbo	590.000
Bolívia	El Alto, La Paz, para os Favelados	1.000.000
"	Vila Cochabamba: para os Favelados	1.000.000

Brasil	Belém, Sacramento: Escola Industrial Salesiana	200.000
"	Prelazia de Porto Velho, Paróquia N. Sra. de Fátima	4.000.000
"	Prelazia do Rio Negro, Missão de Pari-Cachoeira	590.000
Chile	Colégio de Concepción	112.000
"	Santiago: para o Instituto de Pedagogia	1.875.000
Equador	Quito: Paróquia N. Sra. Auxiliadora	1.000.000
"	Cuenca: Oratório do Colégio Técnico	870.000
"	Cuenca: para o órgão S. M. Auxiliadora	1.475.000
"	Missão Santiago-Morona: para implementos agrícolas	1.000.000
ÁSIA		
Filipinas	Cebù: cidade dos meninos	312.000
"	Manilha, Tondo: para o centro juvenil	951.875
Hong-Kong	Coloane, Vila dos Leprosos	20.000
"	Cheng-Chau: Estudantado Filosófico	112.000
Índia	Diocese de Krishnagar: assistência aos refugiados do Paquistão	2.387.175
"	Calcutá: para as vítimas do aluvião da Missão de Krishnagar	1.000.000
"	Inspetoria de Gauhati, para assistência dos refugiados do Paquistão	2.387.175
"	Azimganji (Bengala-Calcutá): para bomba de irrigação	500.000
"	Diocese de Shilong para nova missão em Dorangre	600.000
Viet-Nan	Para D. Paulo Seitz, Bispo de Kontum: para obras sociais	124.000
Argélia	Orã-Hain El Turk	112.000

Roma	Ao Santo Padre, por ocasião da audiência concedida ao Capítulo Geral Especial	5.000.000
	Total enviado de 10/2/71 a 15/3/72	28.930.225
	Saldo em 15/3/72	501.531
	Total	<u>29.431.756</u>

Movimento geral e solidariedade fraterna

Total recebido até 15 de março de 1972	138.028.076
Total enviado até 15 de março de 1972	137.526.545
Saldo em caixa	<u>501.531</u>

IV. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR E INICIATIVAS DE INTERESSE GERAL

Os membros do Conselho Superior, terminados os trabalhos mais urgentes após a conclusão do Capítulo Geral, deixaram a Casa Geral da Via della Pisana, em Roma, para um período de distensão e para ordenar os negócios das Inspetorias que deveriam deixar após as eleições.

Vários Conselheiros puderam realizar um primeiro contato com as Inspetorias, tomando conhecimento das iniciativas relacionadas com a preparação dos Capítulos Inspetoriais e a atuação das deliberações do Capítulo Geral Especial, principalmente no que concerne ao estudo dos Documentos.

No dia 5 de março, os Conselheiros já haviam retornado a Turim e retomado os trabalhos ordinários e extraordinários para o Governo da Congregação. Para enfrentar mais sistemática e exaustivamente os muitos e novos problemas que aparecem, foram constituídas no Conselho várias Comissões, encarregadas de estudar os assuntos que, ao depois, serão objeto de estudos e de decisões de todo o Conselho Superior. Entre outros, foram propostos os seguintes assuntos: a sistematização do conjunto das obras de Valdoco motivada pela transferência da Casa Geral para Roma; a Inspetoria Central; a Comissão para o P. A. S. desejada pelo Capítulo Geral Especial; a acomodação dos Dicastérios e de suas atividades na nova Casa Geral e em conformidade com as exigências promovidas pelo Capítulo Geral Especial; a programação de iniciativas e atividades, a curto prazo, que interessam diretamente ao Conselho Superior ou a toda a Congregação, para a gradual e sistemática atuação do C. G. E.; atuação das novas estruturas etc.

Precisamente para desenvolver este trabalho de caráter urgente e de grande importância para toda a Congregação, os Conselheiros Regionais não poderão dar início imediatamente a visitas às Inspetorias de seu grupo.

A transferência da sede de Turim para Roma efetuar-se-á tão logo terminem os trabalhos de acabamento da casa, retomados após o término do Capítulo Geral. Embora seja difícil fixar uma data precisa, pensa-se contudo ser isso possível dentro de poucos meses.

Repetindo o gesto de após o Capítulo Geral XIX, o Conselho Superior quis iniciar o seu serviço à Congregação com uma peregrinação à Casa onde nasceu Dom Bosco, no dia 11 de março, como que para buscar lá, na origem de nossa obra, o convite àqueles valores ideais que constituem o pressuposto de nossa renovação.

Uma surpresa, misto a um tempo de alegria e tristeza, deu-se poucos dias após o retorno dos Conselheiros para Turim: a nomeação para Bispo Auxiliar de Mercedes (Uruguai) de E. Excia. Dom José Gottardi, eleito Conselheiro Regional para a América Latina (Inspetorias da Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai) no Capítulo Geral Especial. Acompanhá-lo-ão, contudo, no seu alto trabalho pastoral os votos e as preces dos irmãos que nele haviam depositado a própria confiança, chamando-o a participar do Governo da Congregação.

V. DOCUMENTOS

SAGRADA CONGREGAÇÃO
PARA OS RELIGIOSOS
E OS INSTITUTOS SECULARES
Prot. N. Exp. R. 90-70

DECRETO

Sobre a forma do governo ordinário e sobre o acesso do religioso secularizado aos officios e benefícios eclesiásticos

As experiências realizadas sobre a forma de governar, suscitaram muitos problemas e dúvidas, sobretudo no tocante à autoridade pessoal do superior.

Além disso, julgou-se oportuno submeter a atenta consideração as proibições do cânone 642 acerca dos religiosos secularizados.

Os Padres desta Sagrada Congregação, prévio estudo dos consultores, submeteram a exame, na assembléa plenária de 24 e 25 de setembro de 1971, as seguintes dificuldades:

1. Se, contrariamente ao cân. 516, é possível admitir o governo colegial ordinário e exclusivo, quer para todo o Instituto religioso, quer para a província ou casa particular, de tal modo que o superior, caso o haja, seja um mero executor.
2. Se é permitido suspender o cân. 642, de forma que os religiosos, dispensados regularmente dos votos, possam obter ou reter qualquer officio, benefício ou cargo eclesiástico, sem licença especial da Santa Sé.

Tudo bem considerado, os Padres, na dita assembléa, determinaram unanimemente o seguinte:

1. *negativamente*, ao primeiro quesito. Portanto, segundo a mente do Concílio ecumênico Vaticano II (“Perfectae caritatis”, n.º 14) e da Exortação apostólica “Evangelica testificatio”, n.º 25, embora considerando as legítimas consultas e os limites estabelecidos pelo direito, comum ou particular, os superiores devem gozar de autoridade pessoal.

2. *afirmativamente*, ao segundo quesito.

O Santo Padre Paulo VI, na audiência concedida ao secretário deste Dicastério, a 18 de novembro de 1971, dignou-se aprovar as decisões da assembléa plenária.

Por isso, a Sagrada Congregação para os religiosos e institutos seculares decidiu publicar estas deliberações, conforme o presente decreto.

Tais decisões serão aplicadas imediatamente, sem necessidade de qualquer fórmula executória. E isto até que não entre em vigor o código de direito canônico renovado.

Roma, 2 de fevereiro de 1972

Ildebrando card. Antoniutti,
prefeito

† Agostinho Mayer, O. S. B.
secretário

VI. MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO

1. A presença da Igreja no mundo, segundo os ensinamentos do Concílio

Na quarta-feira, dia 2 do corrente, Paulo VI recebeu em audiência os Membros dos Institutos Seculares, sacerdotais e laicais, que tomaram parte num Congresso realizado em Roma, na Sagrada Congregação para os Religiosos, a fim de recordarem o XXV aniversário da Constituição Apostólica "Provida Mater" e prepararem o Congresso que se efetuará em setembro do corrente ano, mês em que é celebrado o referido acontecimento. Durante a audiência, o Papa pronunciou as seguintes palavras:

Caríssimos filhos, membros dos Institutos Seculares:

Neste dia, dedicado à recordação litúrgica da apresentação de Jesus no Templo, encontramos-Nos de bom grado convosco, para recordarmos juntos o XXV aniversário da promulgação da Constituição Apostólica *Provida Mater*, que foi feita, justamente, no dia 2 de fevereiro de 1947 (1). Aquele documento constitui um acontecimento importantíssimo para a vida da Igreja de hoje, porque o Nosso Predecessor Pio XII, de venerável memória, acolhia com ele, além de sancionar e aprovar, os Institutos Seculares, estabelecendo a sua fisionomia espiritual e jurídica. Para vós, foi um dia grato, um dia significativo, no qual, à imitação do Cristo, que ao vir ao mundo, Se ofereceu ao Pai para cumprir a Sua vontade (2), também vós fostes apresentados a Deus, para refulgirdes diante de toda a Igreja, e para consagrardes as vossas vidas à glória do Pai e à elevação do mundo.

Também Nós sentimos uma grande satisfação com este encontro, porque recordamos muito bem as circunstâncias em que maturou o histórico documento, verdadeira carta magna dos Institutos Seculares, os quais, lenta e anteriormente preparados pelo Espírito que suscita os secretos impulsos nas almas, viram nela a sua aceitação

(1) Cfr. A. A. S. XXXIX, 1947, pp. 114-124.

(2) Cfr. Sl 39, 9; Heb 10, 9.

oficial, que se deve especialmente ao venerável Cardeal Larraona, da parte da Suprema Autoridade, assim como a sua certidão de nascimento e o início de um novo impulso para o futuro.

Vinte e cinco anos constituem um tempo relativamente breve; eles, todavia, foram anos de particular intensidade, que se podem comparar com os da juventude. Houve uma florescência magnífica, cuja confirmação é dada pela vossa hodierna presença aqui e pela reunião dos Responsáveis Gerais de todos os Institutos Seculares, marcada para setembro próximo, em Roma. Desejamos, portanto, dirigir-vos as Nossas palavras de encorajamento, de confiança, de exortação, para que a hodierna comemoração deste aniversário seja verdadeiramente fecunda em resultados, para vós e para todo o Povo de Deus.

A perspectiva do Concílio

Os Institutos Seculares devem ser enquadrados na perspectiva em que o II Concílio do Vaticano apresentou a Igreja: como realidade viva, visível e, ao mesmo tempo, espiritual (3), que atua e se desenvolve na história, composta por muitos membros e órgãos diversos, mas intimamente unidos e intercomunicantes, (4), participantes da mesma fé, da mesma vida, da mesma missão, da mesma responsabilidade da Igreja, mas distintos por um dom, um carisma particular do Espírito vivificante (5), dado não só em benefício pessoal, mas também de toda a comunidade. A data comemorativa da *Provida Mater*, que pretende manifestar e aprovar o vosso carisma particular, convida-vos, portanto, segundo a indicação do Concílio, a “um regresso constante às fontes e à inspiração primitiva dos Institutos” (6), a verificar a vossa fidelidade ao carisma originário e próprio de cada um.

Se nos perguntamos qual foi a alma dos Institutos Seculares, que inspirou o seu nascimento e o seu desenvolvimento, devemos responder que foi o anélito à afirmação simultânea de duas características: a plena consagração da vida segundo os conselhos evangélicos e plena responsabilidade de uma presença e de uma ação que transformassem internamente o mundo, para o plasmar, aperfeiçoar e santificar. Por um lado, a profissão dos conselhos evangélicos —

(3) Cfr. *Lumen Gentium*, n. 8.

(4) Cfr. *Ibid.*, n. 7.

(5) Cfr. *Ibid.*, nn. 7, 12.

(6) *Perfectae Caritatis*, n. 2.

forma especial de vida que serve para alimentar e testemunhar aquela santidade a que todos os fiéis são chamados — é sinal da perfeita identificação com a Igreja, ou melhor, com o seu próprio Senhor e Mestre e com os objectivos que Ele lhe confiou. Por outro lado, continuar no mundo é sinal da responsabilidade cristã do homem salvado por Cristo e, portanto, dedicado a “esclarecer e ordenar todas as coisas temporais... de tal maneira que sempre se realizem segundo o espírito de Cristo, se desenvolvam e louvem o Criador e Redentor” (7).

Neste quadro, não se pode deixar de ver a profunda e providencial coincidência que existe entre o carisma dos Institutos Seculares e o que constitui uma das mais importantes e mais claras diretrizes do Concílio: a presença da Igreja no mundo. A Igreja, de fato, acentuou profundamente os diversos aspectos da sua relação com o mundo: afirmou claramente que faz parte do mundo, que é destinada a servi-lo, que deve ser alma e fermento do mesmo, porque tem a missão de o santificar, de o consagrar e de fazer incidir sobre ele os valores supremos da justiça, do amor e da paz.

Um mundo novo

A Igreja tem consciência da sua razão de ser no mundo, que “caminha a par da humanidade, compartilha da sorte terrena no mundo” e atua “como fermento e como alma da sociedade” (8); ela, portanto, tem uma verdadeira dimensão secular, inerente à sua íntima natureza e missão, cuja raiz penetra no mistério do Verbo Encarnado, e que se realizou sob formas diversas, por meio dos seus membros — sacerdotes e leigos —, segundo o próprio carisma.

O Magistério Pontifício nunca se cansou de exortar os cristãos, especialmente nestes últimos anos, a assumirem válida e lealmente as próprias responsabilidades perante o mundo. Hoje, quando a humanidade se encontra num momento crucial da sua história, esta presença ainda é mais necessária. Está a nascer um mundo novo; os homens procuram novas formas de pensamento e de acção, que virão a determinar a sua vida nos séculos futuros. O mundo julga-se auto-suficiente, que não precisa da graça divina nem da Igreja para se construir e se expandir: verificou-se um trágico divórcio entre a fé e a vida vivida, entre o progresso técnico-científico e o aumento da fé no Deus vivo. Afirma-se, não sem razão, que o problema mais grave no desenvolvimento actual é o da relação entre a ordem natu-

(7) *Lumen Gentium*, n. 31.

(8) *Gaudium et Spes*, n. 40.

ral e a ordem sobrenatural. A Igreja do II Concílio do Vaticano ouviu esta "*vox temporis*" e respondeu-lhe com plena consciência da sua missão perante o mundo e a sociedade; ela sabe que é "sacramento universal de salvação", sabe que não pode existir plenitude humana sem a graça, ou seja, sem o Verbo de Deus, que "é o fim da história humana, o ponto para o qual tendem os desejos da história e da civilização, o centro da humanidade, a alegria de todos os corações e a plenitude das suas aspirações" (9).

Num momento como este, os Institutos Seculares, em virtude do seu carisma de secularidade consagrada (10), revelam-se instrumentos providenciais para encarnar este espírito e o transmitir a toda a Igreja. Se antes do Concílio, de certo modo, eles já anteciparam este aspecto existencialmente, hoje, com maior razão, devem ser testemunhos especializados, exemplares, da disposição e da missão da Igreja no mundo. Hoje, para tornar atual a Igreja, não são suficientes documentos: são necessárias personagens e comunidades, responsavelmente conscientes de encarnar e difundir o espírito requerido pelo Concílio. Esta missão exaltadora é-vos confiada: ser modelo de incessante impulso para a nova relação que a Igreja procura encarnar perante o mundo e ao serviço do mundo.

Dupla realidade

De que modo? Com a dupla realidade da vossa estruturação.

Primeiro que tudo, a vossa vida consagrada, no espírito dos conselhos evangélicos, manifesta a vossa total consagração a Cristo e à Igreja, a tensão permanente e radical para a santidade e a consciência de que, em última análise, só Cristo realiza, com a Sua graça, a obra da redenção e da transformação do mundo. É no íntimo dos vossos corações que se realiza a consagração do mundo a Deus (11). A vossa vida, portanto, é uma garantia para que a intensa e directa relação com o mundo não se torne mundanidade ou naturalismo, mas seja expressão do amor e da missão de Cristo. A vossa consagração é a raiz da esperança, que sempre vos deve amparar, até quando os frutos exteriores forem poucos ou não existirem. Mais do que pelas obras externas, a vossa vida é fecunda para o mundo, sobretudo pelo amor a Cristo, que vos impeliu ao dom total de vós próprios, do qual deveis dar testemunho nas condições ordinárias da vida.

(9) *Gaudium et Spes*, n. 45.

(10) Cfr. *Perfectae Caritatis*, n. 11.

(11) Cfr. *Lumen Gentium*, n. 34.

Sob esta luz, os conselhos evangélicos — embora comuns a outras formas de vida consagrada — adquirem um significado novo de especial actualidade no tempo presente: a castidade converte-se em exercício e vivo exemplo de autodomínio e de vida espiritual, debruçada para as realidades celestes, num mundo que se busca a si mesmo e dá uma liberdade desregrada aos próprios instintos; a pobreza torna-se modelo da relação que se deve ter com os bens criados e com o seu recto uso, com um comportamento que tanto é válido para os países desenvolvidos, onde o desejo de possuir ameaça seriamente os valores evangélicos, como para os países menos progredidos, onde a vossa pobreza é sinal de solidariedade e de presença junto dos irmãos infelizes; a obediência torna-se testemunho da humilde aceitação da mediação da Igreja e, mais em geral, da sabedoria de Deus, que governa o mundo através das causas segundas; e, neste momento de crise de autoridade, a vossa obediência converte-se em testemunho daquilo que é a ordem cristã do universo.

Para a santificação da ordem natural

Em segundo lugar, a vossa secularidade leva-vos a acentuar de modo especial — diversamente dos religiosos — a reacção com o mundo. Não representa apenas uma condição sociológica, um facto externo, mas também uma atitude: estar presentes no mundo, reconhecer a própria responsabilidade de o servir, para o apresentar, segundo a vontade de Deus, numa ordem mais justa e mais humana, para o santificar interiormente. A primeira atitude a manifestar ao mundo é a do respeito pela sua legítima autonomia, pelos seus valores e pelas suas leis (12). Esta autonomia, como sabemos, não significa absoluta independência em relação a Deus, Criador e fim último do universo. Tomar a sério a ordem natural, trabalhando pelo seu aperfeiçoamento e pela sua santificação, a fim de que as suas exigências sejam integradas na espiritualidade, na pedagogia, na ascética, na estrutura, nas formas externas e na atividade dos vossos Institutos, constitui uma das dimensões importantes desta especial característica da vossa secularidade. Assim, será possível, como é requerido pela *Primo feliciter*, “que o vosso carácter próprio e peculiar, o carácter secular, se reflita em todas as coisas” (13).

Sendo muito variadas as necessidades do mundo, assim como as possibilidades de ação no mundo e com os instrumentos do mesmo,

(12) Cfr. *Gaudium et Spes*, n. 36.

(13) *Primo feliciter*, II.

é natural que surjam diversas formas de realização deste ideal, formas individuais e associadas, encobertas e públicas, segundo as indicações do Concílio (14). Todas estas formas são igualmente possíveis aos Institutos Seculares e aos seus membros. A pluralidade das vossas formas de vida (15) permite-vos constituir diversos tipos de comunidade e dar vida ao vosso ideal em ambientes diversos e com meios diferentes, até onde apenas se pode dar testemunho da Igreja em forma individual, oculta e silenciosa.

Responsabilidade sacerdotal

Queremos ainda dedicar algumas palavras aos sacerdotes que se unem nos Institutos Seculares. Este fato é expressamente previsto pelos ensinamentos da Igreja, a partir do *Motu Proprio Primo feliciter* e do Decreto Conciliar *Perfectae Caritatis*. De per si, o sacerdote, como tal, também tem, como o cristão leigo, uma relação essencial com o mundo, relação esta que ele deve exemplarmente realizar na sua vida, a fim de corresponder à própria vocação, em virtude da qual foi mandado ao mundo, como Cristo foi enviado pelo Pai (16). Como sacerdote, porém, ele assume uma responsabilidade especificamente sacerdotal para a reta conformação da ordem temporal. De modo diverso do leigo — salvo em casos excepcionais, como previu o voto do recente Sínodo Episcopal —, ele não exerce esta responsabilidade com uma ação direta e imediata na ordem temporal, mas com a sua atividade ministerial e mediante o seu papel de educador da fé (17); e é o meio mais elevado para contribuir e fazer com que o mundo se aperfeiçoe constantemente, segundo a ordem e o significado da criação.

Agregando-se a Institutos Seculares, o sacerdote, exatamente como secular, fica ligado, em íntima união de obediência e colaboração, ao bispo; e, juntamente com os outros membros do presbitério, auxilia os seus irmãos na grande tarefa de serem “cooperadores da verdade (18), procurando desenvolver os “particulares vínculos de caridade apostólica, de ministério e de fraternidade” (19), que devem distinguir esse organismo diocesano. Pelo fato de pertencerem aos

(14) Cfr. *Apostolicam Actuositatem*, nn. 15-22.

(15) Cfr. Voto sobre o Pluralismo, Congresso Mundial dos Institutos Seculares, Roma 1970.

(16) Cfr. Jo., 20, 21.

(17) Cfr. *Presbyterorum Ordinis*, n. 6.

(18) *Presbyterorum Ordinis*, n. 8.

(19) *Ibid.*

Institutos Seculares, os sacerdotes também encontram uma ajuda para cultivar os conselhos evangélicos. Sabemos muito bem que este problema é sentido e profundo; deve ser resolvido no respeito total do “*sensus Ecclesiae*”. Sabemos que, a este respeito, andais à procura de soluções adequadas; e encorajamo-vos nos vossos esforços, que se devem considerar válidos, num setor tão delicado.

Relações com os bispos

Efetivamente, existe um problema, que se apresenta nos termos de uma triplíce exigência, cada uma delas importantíssima: há a exigência representada pela “secularidade” do sacerdote membro de um Instituto Secular; e, além disso, a exigência que este sacerdote mantenha um estreito contacto com o próprio Instituto, do qual ele espera um alimento espiritual, um conforto e um apoio para a própria vida interior; por fim, a exigência de estar em íntima dependência do bispo diocesano.

Sabemos, como já dissemos, que estais a realizar estudos a este respeito, a fim de conciliar estas exigências aparentemente opostas. Continuai livremente os vossos estudos nesta direção, pondo ao serviço deste aprofundamento os dotes da vossa preparação, da vossa sensibilidade, da vossa experiência. Permitindo-Nos apenas chamar a vossa atenção para os seguintes pontos, que Nos parecem dignos de consideração: nenhuma solução deve diminuir minimamente a autoridade do bispo, o qual, por direito divino, é o único responsável direto do rebanho, da parte da Igreja de Deus (20). Nos vossos estudos, além disso, tende presente, a este respeito, uma realidade: que o homem é uma unidade pessoal, psicológica, ativa. Nele, a dimensão espiritual e a pastoral só se distinguem teoricamente.

Com isto não queremos — e pretendemos sublinhá-lo — condicionar os estudos que estais a fazer, nem, muito menos, pôr-lhes termo, indicando-vos, desde já, uma solução. Só quisemos convidar-vos a considerar de modo especial, na vossa investigação, dois pontos que parecem ser de capital importância.

Chegamos, assim, ao fim das Nossas considerações, embora ainda fiquem muitas coisas para dizer e o caminho fique aberto para ulteriores desenvolvimentos. Manifestamo-vos, porém, com profunda alegria, o Nosso desejo e a Nossa esperança: que os vossos Institutos sejam cada vez mais modelos e exemplos do espírito que o Concílio

(20) Cfr. At 20, 28.

quis infundir na Igreja, a fim de ser superada a devastadora ameaça do secularismo, que exalta unicamente os valores humanos, separando-os d'Aquele que é a sua origem e do Qual recebem o seu significado e a sua finalidade definitiva; e para que a Igreja seja, verdadeiramente, o fermento e a alma do mundo.

A Igreja tem necessidade do vosso testemunho! A humanidade espera que a Igreja encarne cada vez mais, perante o mundo, esta nova atitude, que, em vós, em virtude da vossa secularidade consagrada, deve refulgir de modo especialíssimo. A isto vos encoraja a Nossa Bênção Apostólica, que, do coração, damos a todos vós, aqui presentes, e a todos os membros dos caros e beneméritos Institutos Seculares.

2. A identidade do sacerdote

Audiência de Paulo VI aos Párocos e Pregadores da Queresma Romanos, aos 17-2-1972

Caríssimos Irmãos:

Este encontro anual, no início da Quaresma "*in capite jejunii*", como diz a tradição ascética e litúrgica da Igreja, proporciona-nos imediatamente em clima de confiança recíproca, assim espero, embora neste colóquio espiritual e familiar seja eu, vosso Bispo, o único interlocutor a quem sois convidados, individualmente, a responder no silêncio das vossas almas. E sou-o, de fato, com a simplicidade e o afeto próprios do coração sacerdotal.

Análise dos problemas sacerdotais do nosso tempo

Falei de coração sacerdotal. Julgo que também o vosso, algumas vezes, fica inquieto e perturbado perante o aparecimento de questões e problemas, que, neste período pós-conciliar, também se verificou no lago, ordinariamente tranquilo, da nossa psicologia pessoal.

Que aconteceu? A investigação das causas e o exame do fenómeno deste estado de alma, que não é habitual num sacerdote, exatamente em virtude daquilo que ele é e daquilo que ele faz, deu origem, como sabeis, a muitos estudos, a muitas publicações, a muitas discussões e, entre vós, certamente, também a muitas reflexões.

O período crítico que estamos atravessando faz com que a nossa casa fosse investida pela vaga agressiva do seu influxo, que, sob certos

aspectos, é providencial, embora perigosa e negativa, sob outros. Obrigou-nos a refletir novamente sobre o nosso sacerdócio, em todos os seus elementos: bíblicos, teológicos, canônicos, ascéticos e operativos. Dado que esta reflexão se encontrou perante o turbilhão provocatório das mudanças da vida moderna, tanto no campo intelectual, como, principalmente, no campo prático, operativo e social, nasceu, também em nós, a pergunta se a vida sacerdotal tradicional não deve ser estudada dentro de um novo contexto histórico e espiritual. Enquanto o mundo se transforma, podemos nós, porventura, permanecer imóveis, como se estivéssemos canonicamente mumificados na nossa mentalidade cristalizada e nos nossos hábitos tradicionais, cujo significado e valor, nalguns casos, nem a sociedade que nos circunda, nem nós próprios compreendemos? Além desta tremenda solicitação exterior, houve o Concílio, com a sua autoridade e sabedoria, que tornou mais forte a nossa esperança numa certa renovação, falando-nos de atualização, a qual foi interpretada por algumas pessoas para justificar e até fazer a apologia de um critério extremamente delicado, o do relativismo histórico, da adaptação aos tempos, aos famosos “sinais dos tempos”, como se eles fossem evidentes e todos pudessem interpretá-los livremente; o do conformismo em relação ao mundo, a este mundo em que nos encontramos e no qual o Concílio exortou a Igreja a imergir-se para cumprir a sua missão, em vez de se afastar dele programaticamente.

O assalto deste desejo de novidade, muitas vezes, também provocou em nós, eclesiásticos, uma sensação de vertigem (1), uma certa falta de confiança na tradição, uma certa desestima por nós mesmos, uma febre de mudanças, uma necessidade caprichosa de “espontaneidade criativa”, etc. Nesta vasta e complexa tentativa de transformar a vida eclesiástica, até se inseriram intenções, subjetivamente retas e generosas. Indicamos duas, apenas para vos demonstrar que seguimos estes fenômenos com dedicada atenção.

A primeira, muito dolorosa, consiste na vontade de sair do estado de frustração, como hoje se diz, ou, por outras palavras, de eliminar o sentido de inutilidade, que alguns experimentam, em consequência da própria inserção paralisadora, na disciplina da organização eclesiástica. Para que serve — perguntam-se — ser sacerdote? E esta pergunta torna-se amarga e angustiante na comunidade, onde estes sacerdotes trabalhavam, que se transformou profundamente no número e nos costumes e na qual o ministério do sacerdote, arraigado ao seu lugar e aos seus hábitos, parece ter-se tornado supérfluo ou ineficaz. A objeção da inutilidade da própria vida, especialmente nos nossos

(1) Cfr. Is., 19, 14.

dias, em que no sentimos atraídos pela eficiência utilitária, causa um grande tormento e merece um remédio adequado ou, pelo menos, uma compreensão amorosa.

A outra intenção, também ela, certamente, inspirada pelo desejo do bem, é a daqueles que gostariam de se libertar de toda e qualquer distinção clerical ou religiosa de ordem sociológica, de hábito, de profissão ou de estado, para se laicizarem, a fim de poderem penetrar mais facilmente, como eles dizem, na sociedade. Trata-se de uma intenção missionária, se quizerdes, mas bastante perigosa e prejudicial, se acabar por perder aquela específica virtude de reação contra o ambiente, exigida pela nossa definição de “sal da terra”, e levar o sacerdote a cair num estado de inutilidade muito pior do que a indicada anteriormente. É o Senhor quem diz: “... se o sal se corromper, com que se há-de salgar? Não serve para mais nada, senão para ser lançado fora e ser pisado pelos homens” (2)

Solicitude da Igreja pelos sacerdotes

Lede, caríssimos Irmãos, no esquema sobre o sacerdócio ministerial, discutido no recente Sínodo dos Bispos, a parte introdutória, onde, em síntese, breve, mas densa e vigorosa, se descreve a condição problemática do sacerdote, nos nossos dias. Vereis, assim, a benevolência e o afeto com que a Igreja considera a presente situação do clero. O realismo e o amor caracterizam este estudo grave, mas, ao mesmo tempo, respeitoso e otimista.

Agora, porém, prestemos atenção a um fato importante. Nesta difícil situação, interna e externa, relativa ao nosso sacerdócio, há um problema que sobressai entre os outros e, num certo sentido, resume a todos eles. É o problema que, nos nossos dias, se tornou habitual na complexa discussão que nos diz respeito; o problema da chamada identidade do sacerdote: quem é o sacerdote, o padre? Na religião cristã, existe, realmente, um sacerdote? Se existe um ministro do Evangelho, que figura deve assumir? Todas as tentações da primitiva contestação protestante se tornaram vivas e insinuantes. E talvez até tenham recrudescido — é um mistério, mas não imaginação — as tentações mais profundas, de origem preternatural, as da dúvida, não como método de investigação, mas como resposta desconsolada por não ter encontrado a verdade, as da incerteza que chega até à cegueira, admitida como atitude dramática e aristocrática de um espírito que já não possui a luz interior. Estas tentações até entraram na cela da consciência íntima do sacerdote, para confundir nele a feliz certeza

(2) Mt., 5, 13.

interior do seu estatuto eclesial: "*Tu es sacerdos in aeternum*" (tu és sacerdote para sempre), substituindo-a por esta pergunta: quem sou eu? Não lhe bastava a resposta que a Igreja sempre deu e que nos foi transmitida durante os anos de seminário, acesa como uma lâmpada inextinguível no âmago da nossa alma, assimilada e tornada congênita com a nossa mentalidade pessoal? Esta interrogação, à primeira vista, parece supérflua e perigosa, é verdade. O fato, porém, de ela ter sido lançada, como uma flecha, no coração de muitos sacerdotes, de numerosos jovens que estão prestes a ser ordenados e também de alguns irmãos no sacerdócio, que já atingiram a plenitude da maturidade, não pode ser negado.

A tendência de alguns sacerdotes, que se encontraram nesta dolorosa situação, de duvidar de si próprios e da autoridade da Igreja, tendência, de per si, hipoteticamente legítima, mas que se transforma, imediatamente, em tentação e em desvio, dada a impossibilidade de se encontrar uma resposta satisfatória, foi a tendência de procurar a definição da identidade do sacerdote no registro profano, ou fora da nossa casa, especialmente no registo da sociologia, da psicologia, no confronto com denominações cristãs que se afastaram da raiz católica, ou, por fim, no do humanismo, que apresenta este axioma: o sacerdote é, primeiro que tudo, um homem; um homem completo como todos os outros.

Detemo-nos nesta análise, apenas para acompanhar espiritualmente, com profunda amargura, os sacerdotes que nos abandonam: como podemos deixar de os amar? E também para vos recordar, caríssimos irmãos, a quem diremos com Jesus: "vós estívestes sempre junto de Mim nas Minhas provações" (3), que a Igreja, nestes últimos tempos, dedicou numerosos ensinamentos precisamente aos seus sacerdotes e muitos outros foram confirmados e divulgados por inúmeros livros, tanto no campo bíblico, como no teológico, no histórico, no espiritual e também no pastoral. A leitura de bons escritos sobre o sacerdócio católico constituirá um conforto providencial não só para a vossa cultura, mas também para a paz e o fervor do vosso espírito. Citemos, por exemplo, de J. Coppens e de outros autorizados colaboradores, "*Sacerdoce et Célibat*". Louvain, 1971.

Sobre este ponto, limitamo-Nos a uma afirmação fundamental: devemos procurar a definição da identidade do sacerdote no pensamento de Cristo. Só a fé pode dizer-nos quem somos e quem devemos ser. O resto, ou seja, tudo aquilo que nos podem dizer a história, a experiência, o contexto social e as necessidades dos tempos, vê-lo-emos depois, com a assistência responsável e sapiente da Igreja, como derivação lógica, no momento do confronto, do comentário e da

(3) Lc., 22, 28.

aplicação da fé. Seja, portanto, o Senhor a falar-nos. É este o tema do nosso presente colóquio, que todos vós, individualmente, depois podeis desenvolver no cenáculo interior do encontro divino.

O chamamento divino

Perguntemos, pois, com humildade, ao nosso Mestre Jesus: quem somos nós? Não devemos porventura ter consciência do modo como Ele pensa em nós e nos quer? Qual é, perante Ele, a nossa identidade?

A primeira resposta é imediata: nós somos *chamados*. O nosso Evangelho começa com a nossa vocação. Parece-nos lícito entrever na história dos Apóstolos a nossa história de sacerdotes. No que diz respeito aos primeiros discípulos que Jesus escolheu como Seus, a história evangélica é claríssima e belíssima. A intenção do Senhor é evidente, e, se for considerada no quadro massiânico e, depois, no quadro da economia do cristianismo, torna-se muito interessante. É Jesus quem toma a iniciativa, como Ele próprio observará: “Não fostes vós que Me escolhestes, fui Eu que vos escolhi...” (4). As cenas simples e ecantadoras, que nos apresentam o chamamento de cada um dos discípulos, revelam-nos a realização precisa de escolhas bem determinadas (5), sobre as quais nos será grato meditar. A quem chama Ele? Não parece que Ele considere a posição social dos seus eleitos (6), nem sequer que Se queira aproveitar de quem se apresenta com entusiasmo superficial (7).

Este desígnio evangélico diz-nos respeito pessoalmente. Repito: nós somos chamados. O famoso problema da vocação diz respeito à personalidade e ao destino de cada um de nós. As vicissitudes e a educação do nosso chamamento constituem o que há de mais interessante na história pessoal da nossa vida. Seria insensato querer reduzi-la a um conjunto de circunstâncias banais e exteriores (8). Devemos, pelo contrário, notar a atenção, cada vez mais cuidadosa e acurada, com que a Igreja cultiva, seleciona e assiste as vocações sacerdotais. Este é um coeficiente de certeza para confirmar a nossa identidade, que hoje, muitas vezes, é vivisseccionada, para ser declarada inautêntica, enquanto é muito difícil, nos nossos dias, que uma vocação eclesiástica se funde em motivos interiores e exteriores, honestamente impugnáveis (não teria valor, para nós, a sentença de Pascal:

(4) Jo., 15, 16; 15, 19; cfr. Jo., 6, 70.

(5) Cfr. Lc., 6, 13.

(6) Cfr. 1 Cor., 1, 27.

(7) Cfr. Mt., 8, 19-22.

(8) Cfr. LEO TRESE, *Il Sacerdote oggi*, c. 1.

“O que há de mais importante na vida é a escolha de uma profissão: o acaso decide-a” (9)). Para nós não foi o acaso que decidiu.

Devemos pensar em alguns aspectos desta vocação, que veio bater à nossa porta. Ela assinalou o momento mais importante para o uso da nossa liberdade, que pensou, refletiu, quis e decidiu. Ela provocou a grande escolha da nossa vida. Análoga ao sim de quem contrai matrimônio, a nossa resposta, contra a volubilidade do homem sem ideais maiores do que ele, comprometeu a existência: a forma, a medida, a duração da nossa oferta. Constitui, portanto, a página mais bonita e mais ideal da nossa história humana. Ai de nós se a desvalorizássemos! Qualificou imediatamente a nossa vida com o seu formidável sim, como a de um segregado do estilo comum com que os outros conduzem a própria vida. É o que São Paulo diz: “*Segregatus in Evangelium Dei*” (segregado para o Evangelho de Deus); um sim que, num só momento, nos separou de todas as nossas coisas: “...deixaram tudo e seguiram-nO” (10); um sim que, aparentemente, nos inclui entre os idealistas, os sonhadores, os loucos, os ridículos; mas, graças a Deus, também entre os fortes, aqueles que sabem porque e por Quem vivem: “*Scio cui credidi*” (11); aqueles que se propuserem servir os outros e dar a vida, toda a sua vida por eles. Fomos chamados para isso. Fomos chamados para isso. Fomos segregados do mundo, mas não separados daquele mundo para o qual devemos ser ministros de salvação, com Cristo e como Cristo (12).

Ainda haveria alguma coisa para observar sobre a vocação. Fomos chamados, chamados por Cristo, chamados por Deus, fato este que significa que somos amados por Deus. Pensamos nisto? “Conheço os que escolhi...” (13), disse o Senhor. Um desígnio divino preestabelecido fixou-se sobre cada um de nós. Por isso, pode-se dizer de nós o que o profeta Jeremias declarou a Israel, da parte de Deus: “Amo-te com um amor eterno, e por isso te outorguei os Meus favores” (14). É uma identidade inscrita no registro do céu, “*in libro vitae*” (15). Portanto, fomos chamados. Mas, para quê?

A vocação de discípulo

A nossa identidade foi enriquecida com outra nota essencial: somos *discípulos*, somos os discípulos por antonomásia. O termo dis-

(9) PASCAL, *Pensées*, n. 97.

(10) Lc., 5, 11.

(11) 2 Tim., 1, 12.

(12) Cfr. *Ench. Cler.* 104, 860, 1387, etc.

(13) Jo., 13, 18.

(14) Jer., 31, 3.

(15) Apoc., 3, 5.

cípulo está relacionado com outro, que não pode faltar, o termo mestre. Quem é o nosso Mestre? Aqui, devemos recordar aquela frase do Senhor: “um só é o vosso Mestre, e vós sois todos irmãos... um só é o vosso Doutor: Cristo” (16). Jesus pretendeu que se Lhe reconhecesse este título de Mestre (17). Depois de ter falado às multidões, Ele instruiu o grupo dos Seus seguidores qualificados, os discípulos, reconhecendo neles uma prerrogativa de suma importância: “A vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles (aos outros) não lhes é dado” (18). Os chamados, pelo fato de serem discípulos, serão elevados à função de mestres, não de uma doutrina própria, como é evidente, mas da doutrina que lhes foi revelada por Cristo, analogamente, apesar da infinita distância, ao que Jesus disse de Si: “A minha doutrina não Me pertence, é d’Aquele que Me enviou” (19). Portanto, à medida que somos discípulos, podemos também dizer que a nossa identidade sacerdotal comporta uma conotação de magistério: somos discípulos e somos mestres; ouvintes da Palavra de Cristo e anunciadores da mesma Palavra.

Este perfil que estamos a apresentar exigiria um longo e paciente estudo sobre a sua designação no Evangelho. Realizá-lo será interessante e necessário para todos, quer para conhecermos o pensamento do Senhor acerca de nós mesmos, quer para adquirirmos de nós a correspondente convicção, a do discípulo que deve exercer a função de mestre.

O culto do ensinamento de Cristo

Este primeiro atributo, de discípulo, no qual detemos agora a nossa atenção, é muito importante. Comporta, como sabeis, caríssimos irmãos no sacerdócio, um duplo dever fundamental para a vida do sacerdote que anda à procura da sua autenticidade: o primeiro é o do culto do ensinamento de Cristo, um culto que se ramifica em diversas direções, todas orientadas para fins essenciais à nossa definição sacerdotal; digamos rapidamente: *ouvir*, ouvir a voz do Espírito de Cristo, ou seja, as inspirações que têm caráter de verdadeira proveniência sobrenatural (20), portanto, ouvir a voz da igreja, quando fala no exercício do seu magistério ordinário e extraordinário (21);

(16) Mt., 23, 8 10.

(17) Cfr. Jo., 13, 13.

(18) Mt., 13, 11.

(19) Jo., 7, 6.

(20) Cfr. Apoc., 2, 6 ss; Mt., 10, 19; Jo., 14, 26.

(21) Cfr. Lc., 10, 16.

ouvir o eco da voz do Senhor em quem nos fala no nome do Senhor, como faz o Bispo, e como fazem, também, o mestre de espírito e qualquer amigo bom e esclarecido; ouvir, igualmente, a voz do Povo de Deus, quando nos chama aos nossos deveres ou nos pede, algumas vezes, certos serviços conformes ao nosso ministério; isto, porém, com a devida prudência, necessária nessas ocasiões, porque, neste campo, é fácil deixar-se levar pela exaltação, pelo desejo de propaganda ou pela insinuação de interesses e de métodos profanos. É preciso ouvir por meio do estudo da ciência sagrada. Muitas vezes, os profissionais leigos são mais informados, no campo que lhes é próprio, das matérias da sua competência, do que nós na doutrina religiosa (22); ouvir, finalmente por meio da oração mental, da meditação: bem sabemos que a oração é o alimento da nossa vida pessoal e espiritual (23). Realmente, repetimos com Jesus: “Felizes os que escutam a palavra de Deus e a põem em prática” (24).

A imitação de Cristo

Além disso, para ser verdadeiro discípulo, é preciso *imitar*. Haveria muito para dizer sobre esta consequência do fato de pertencermos à escola de Cristo, principalmente neste tempo em que somos assaltados pela secularização e pela tentativa de fazer com que o clero perca as suas notas distintivas exteriores e, infelizmente, também as interiores. O chamado “respeito humano”, que até fez cair Pedro, poderia tentar-nos, também a nós, a parecer aquilo que não somos, levando-nos a esquecer a exortação de São Paulo: “Não vos conformeis com este século...” (25), ao passo que a imitação de Cristo deveria constituir o estudo prático para o nosso comportamento. Agora não vamos acrescentar mais nada sobre este assunto, que é tão conhecido e tão aderente à exigência intrínseca da identidade sacerdotal.

No pensamento de Jesus, há ainda uma nota essencial para a nossa identidade: de discípulos, Ele promoveu-nos a *apóstolos*. Ouvi, como numa síntese do que acabamos de dizer, o evangelista São Lucas: Cristo “convocou os discípulos e escolheu doze entre eles, aos quais deu o nome de apóstolos” (26). Não nos parece impróprio, *servatis servandis*, aplicar este soberano título de apóstolos aos sacerdotes, nem procurar os poderes e as funções, próprios do sacerdote de Cristo.

(22) Cfr. Lc., 16, 8.

(23) Cfr. Jo., 8, 31.

(24) Lc., 11, (28; cfr. 8, 21.

(25) Rom., 12, 2.

(26) Lc., 6, 13.

A missão do apostolado

Cada um de nós pode dizer: sou *apóstolo*. Que significa esta palavra? Significa enviado, mandado. Mandado por quem? Mandado a quem? Foi o próprio Jesus quem respondeu a estas duas perguntas, na tarde da Sua ressurreição: “Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós” (27). Refleti. Temos motivos para ficar assombrados; de onde vem o meu sacerdócio e para onde vai? O que é o meu sacerdócio senão um canal de vida divina, que serve, por extensão da missão salvífica divino-humana de Cristo, para comunicar os mistérios divinos à humanidade? São Paulo diz que devemos ser considerados como “dispensadores dos mistérios de Deus” (28). Somos os amigos do Cristo; a nossa missão instaura em nós numa relação pessoal com o Cristo, relação única, diversa da que Ele mantém com todos os outros: “chamei-vos amigos, porque tudo quanto ouvi de Meu Pai vo-lo dei a conhecer. Não fostes vós que Me escolhestes, fui Eu que vos escolhi...” (30). É uma amizade que tem as suas raízes no amor incriado da própria Trindade: “Como o Pai Me amou, também Eu vos amei; permaneci no Meu amor” (31). Somos os servidores dos nossos irmãos. Nunca daremos a este termo, relacionado com a nossa pessoa e principalmente com a nossa missão, a suficiente plenitude que Jesus quis dar à Sua (32) e determinou fosse a nossa, em profunda humildade e perfeita caridade: “...também vós deveis lavar os pés uns aos outros” (33). Mas, ao mesmo tempo, que dignidade e que poderes encerra este serviço, o de um embaixador! “Somos, por conseguinte, embaixadores de Cristo, e é Deus que vos exorta por nosso intermédio” (34). São os poderes sacramentais que nos tornam instrumentos da própria ação de Deus nas almas. Já não é só a nossa atividade humana que nos caracteriza, mas a investidura da virtude divina, que opera no nosso ministério.

Compreendidos o sentido e o valor sacramental do nosso ministério, ou seja, do nosso apostolado, pode ser aplicada uma coletânea de outras definições à figura espiritual, eclesial e também social do sacerdote católico, de modo a identificá-lo como único entre todos, tanto dentro como fora da sociedade eclesial. Ele não é apenas o presbítero que preside ao momento religioso da comunidade, mas é,

(27) Jo., 20, 21.

(28) 1 Cor., 4, 1.

(29) Cfr. 2 Cor., 6, 4.

(30) Jo., 15, 15-16.

(31) Jo., 15, 9.

(32) Cfr. Mt., 20, 28.

(33) Jo., 13, 14.

(34) 2 Cor., 5, 20.

realmente, o ministro, indispensável e exclusivo, do culto oficial, efetuado *in persona Christi* e, ao mesmo tempo, *in nomine populi*; é o homem da oração, o único realizador do sacrifício eucarístico, o vivificador das almas mortas, o tesoureiro da graça, o homem das bênçãos. Ele, o sacerdote-apóstolo, é a testemunha da fé, o missionário do Evangelho, o profeta da esperança, o centro de promoção e referência da comunidade, o construtor da Igreja de Cristo, fundada sobre Pedro. O seu título próprio, humilde e sublime é o de Pastor do Povo de Deus, operário da caridade, tutor dos órfãos e dos pequenos, advogado dos pobres, consolador dos que sofrem, pai das almas, confidente, conselheiro, guia, amigo de todos, o homem “para os outros” e, se for necessário, o herói voluntário e silencioso.

Se olharmos atentamente para o rosto anônimo deste homem solitário, que não possui um lar próprio, descobriremos nele o homem que já não sabe amar como homem, porque deu todo o seu coração, sem reter nada para si, ao Cristo que Se deu a Si mesmo por ele, até ao sacrifício da cruz (35), e ao próximo, que ele se decidiu a amar segundo a medida de Cristo (36). Este é, de fato o sentido da sua intensa e feliz imolação no celibato. Numa palavra, ele é outro Cristo. Finalmente, é esta a identidade do sacerdote. Ouvimos repetir muitas vezes: o sacerdote é outro Cristo. Então, porque duvidar? porque temer?

(35) Cfr. Gál., 2, 20.

(36) Cfr. Jo., 13, 15.

VII. NECROLOGIA

Coad. Roberto Samuel Angus

★ em Mile End — Adelaide (Austrália) em 12-12-1923, † em Sunbury (Austrália) em 1-10-1971 com 47 anos de idade e 27 de profissão.

Foi por vários anos encarregado da lavoura em Oakleigh e em 1965 passou a ser instrutor da secção agrícola do nosso Colégio de Sunbury.

Suas virtudes características foram: a obediência, que parecia natural nele porque era inspirada no verdadeiro amor à Congregação e aos superiores; a caridade, corroborada pela sua generosidade fora do comum; a alegria inalterada do ânimo, que lhe deu coragem para enfrentar todas as dificuldades da vida.

Padre Miguel Arocena

★ em La Plata (Argentina) em 18-6-1898, † em Bahía Blanca (Argentina) em 7-2-1972 com 73 anos de idade, 56 de profissão e 39 de sacerdócio.

Pretendia ser missionário na Patagônia, passou 30 anos no Colégio Dom Bosco de Bahía Blanca, primeiramente como professor, depois, como ministro das confissões e na visita aos enfermos. Dedicou-se também à difusão da boa imprensa e por muitos anos foi assistente do Instituto secular "Madre Mazzarello", fundação do padre Luís Pedemonte.

Padre Luís Bacca

★ em Budrio (Bolonha — Itália) em 8-3-1914, † em Faenza (Itália) em 17-11-1971 com 57 anos de idade, 40 de profissão e 30 de sacerdócio.

Empregou generosamente suas energias entre os jovens em várias obras da Inspetoria, manifestando bons dotes de organizador. Por muitos anos foi Diretor da Oratório, prefeito, professor, deixando gratas recordações entre os ex-alunos.

Padre Ladislau Bajon

★ em Smigiel-Koscian (Polônia) em 26-6-1914, † em Sepopol (Polônia) em 27-3-1971, com 56 anos de idade, 37 de profissão e 20 de sacerdócio.

Passou vários anos de sua vida no meio dos jovens pobres; depois exerceu seu apostolado salesiano como pároco. Zeloso no sagrado

ministério, fazia até 6 quilômetros a pé para catequizar as crianças. Propagou insistentemente a devoção e o culto a N. Senhora.

Padre Ricardo Banka

★ em Siemianowitz (Silésia — Polônia) em 7-4-1896, † em Klagenfurt (Áustria) em 2-1-1972 com 73 anos de idade, 46 de profissão e 38 de sacerdócio.

Foi Diretor por 26 anos. Foi sacerdote zeloso e trabalhador, diretor e pároco em várias casas, escritor de operetas de característica popular. Estudou com amor a vida de Dom Bosco para fazê-la conhecida nas suas publicações, cuidou e difundiu grandemente o “Calendário de Dom Bosco”.

Coad. Aldo Bastani

★ em Fanetella-Sinalunga (Siena — Itália), em 28-10-1918, † em Siena, em 28-11-1971, com 53 anos de idade e 31 de profissão.

Padre Silvio Biasoli

★ em Sopramonte (Trento — Itália), em 1-9-1921, † em Trento (Itália) em 24-5-1971, com 49 anos de idade, 32 de profissão e 24 de sacerdócio.

O campo de seu apostolado foi o Oriente Médio. Para isso aprendeu, com muito êxito, o árabe, o francês e o inglês. Empreendedor e dotado de bom talento organizativo, teve o mérito de fundar uma escola católica com programa anglo-americano na cidade de Beidut, e de dirigi-lá com sábia competência, nivelando-a aos melhores institutos do Líbano. O excessivo trabalho minou sua robusta compleição física, e depois de uma prolongada doença, suportada com serenidade e coragem, veio morrer no dia da Festa de Nossa Senhora Auxiliadora.

Coad. Adolfo Bocwinski

★ em Czerwonka — Sokolka Bialostocka (Polônia) em 10-3-1896, † em Gloskow-Piaseczno (Polônia) em 5-9-1971, com 75 anos de idade e 20 de profissão.

O Senhor chamou muito tarde o nosso irmão para a vocação religiosa e para trabalhar na Congregação. Mas os seus 20 anos de Profissão Religiosa foram empregados generosamente e de modo sereno na casa de Gloskow, como agricultor.

Muito acessível e generoso, ganhou logo a amizade de todos.

Padre João Bodensteiner

★ em Püchersreuth (Alemanha), em 18-8-1907, † em Memmingen (Alemanha) em 17-4-1971, com 63 anos de idade, 40 de profissão e 37 de sacerdócio.

Foi Diretor por 6 anos. Depois do científico entrou no seminário diocesano e depois, durante os anos de teologia, se fez salesiano.

Ordenado sacerdote em 1934, foi professor e corajoso Diretor até o fim da guerra de 1939, durante a qual exerceu o ministério sacerdotal com grande zelo e espírito de sacrifício. Terminada a guerra, prestou seus serviços em várias casas como catequista e professor. Era estimado e amado pela sua humildade e pelo seu espírito de coração.

Padre Carlos Boffa

★ em Diano d'Alba (Cúneo — Itália), em 14-5-1911, † em Turim — Valdocco (Itália), em 31-12-1971, com 60 anos de idade, 44 de profissão e 35 de sacerdócio.

Foi Diretor por 3 anos. Depois de haver cumprido o encargo empenhativo do magistério, da administração, da formação dos noviços e da Direção, encontrou um vasto campo para o seu zelo apostólico como Delegado dos Cooperadores da Inspetoria Subalpina. Foi acometido de um mal insidioso, enquanto estava recolhendo, com largueza, os frutos do seu trabalho, feito de ações autenticamente sacerdotais e de contatos pessoais, animado de um genuíno espírito salesiano. Bom, simples, profundamente religioso e cordial nos seus contatos com os outros, demonstrou, com a sua vida, a validade do apostolado salesiano entre os leigos.

Padre José Castiglioni

★ em Sacconago-Busto Arsizio (Varese — Itália), em 4-3-1917, † em Cerignola (Foggia — Itália) em 16-2-1972, com 54 anos de idade, 38 de profissão e 29 de sacerdócio.

Foi pároco em zonas de densa população, distinguindo-se pelo otimismo cristão e salesiano que irradiava com imediata espontaneidade em torno de si, no ambiente dos fiéis. Conhecia por intuito sacerdotal os jovens, compreendia suas exigências e sabia segui-los como amigo na difícil preparação para a vida.

Padre Pedro Colombo (Crema)

★ em Truccazzano (Milão — Itália), em 16-3-1886, † em Milão (Itália) em 2-2-1972, com 85 anos de idade, 62 de profissão e 55 de sacerdócio.

Partiu para as missões do Equador, logo que terminou a primeira Grande Guerra, e aí trabalhou por mais 40 anos até o último dia de vida.

Esteve com responsabilidade de Diretor, de Ecônomo Inspetorial, Mestre de Noviços. Deixou para todos e de modo constante, a grata recordação de sacerdote cheio de zelo e dedicação, de profunda piedade e de extremada devoção a Dom Bosco. Por isso, os Superiores

Maiores, Inspetores e irmãos, ficaram-lhe intimamente ligados por profunda estima e afeto.

Tendo voltado à Itália, difundiu, no confissionário, aqueles tesouros de experiência e de graça que o longo contato com as almas o tinham feito mestre.

Coad. Carlos Cucco

★ em Verolengo (Aosta — Itália) em 27-4-1913, † em La Plata (Argentina) em 30-12-1971, com 58 anos de idade e 40 de profissão.

Religioso exemplar, trabalhador e sempre contente, foi um modelo pela doação generosa que fez ao Senhor, de todas as suas energias, dedicando-se a fazer o bem a todos os que se encontravam no seu caminho. Esta generosidade o fez deixar a Pátria e os familiares, para executar o seu apostolado silencioso, mas fecundo, nas nossas Escolas Agrícolas. Soube esconder, sob a aparência de simplicidade e de bonomia, os grandes dotes do seu ânimo e da sua inteligência.

Padre João Demaria

★ em S. Damiano Macra (Cúneo — Itália) em 4-4-1912, † em Intra de Verbania (Novara — Itália) em 9-1-1972, com 59 anos de idade, 42 de profissão e 32 de sacerdócio. Foi Diretor por 8 anos.

São estas as características mais marcantes de sua personalidade: fidelidade ao espírito de Dom Bosco, bondade humana e cordial, aberta para a amizade profunda e sincera, observante de todos os deveres religiosos e de profunda espiritualidade salesiana.

Depois do enfarte que lhe ocorreu em 1955, o pensamento da morte era-lhe familiar e o aceitava com ânimo sacerdotalmente preparado.

Padre Eraldo de Rossi

★ em Ponderano (Novara — Itália) ao 7-6-1905, † em Alexandria do Egito aos 16-1-1972 com 66 anos de idade, 48 de profissão e 41 de sacerdócio. Foi Diretor por 5 anos.

Era uma das figuras mais características e queridas da Inspetoria. Após ter sido mestre dos noviços e diretor, desenvolveu uma surpreendente atividade como professor e sobretudo diretor do Oratório festivo de Alexandria. Incalculável o bem feito por esse piedoso e zelosíssimo irmão. Coadjuvado por aguda inteligência e forte vontade, aprendeu à perfeição o árabe, o francês e o inglês e se enriqueceu de vasta cultura. Durante a vida não conheceu férias, parada ou descanso. Trabalhando em ritmo cerrado entre gente paupérrima e os doentes, desgastou sua robustíssima fibra.

Padre João Domino

★ em Babice (Rzeskôw — Polônia) aos 14-6-1897, † em Jaciazek (Mokôw Mazowiecki-Polônia) aos 26-11-1971, aos 74 anos, 49 de profissão e 41 de sacerdócio. Foi diretor por 15 anos.

Era irmão de outros três sacerdotes, um salesiano, falecido, e dois diocesanos, vivos. Desincumbiu-se bem dos diversos encargos de confiança que se lhe deram. Nos últimos 18 anos dedicou-se à pregação e a corajosas missões populares, vencendo não poucas dificuldades de saúde. Estas lhe purificaram a alma e lhe acresceram novos merecimentos no seu trabalho sacerdotal.

Padre Rodolfo Dreesen

★ em Rekem (Limburg — Bélgica) aos 12-1-1889, † em Neerpelt (Limburg-Bélgica) aos 25-8-1971 com 82 anos de idade, 64 de profissão e 55 de sacerdócio. Foi diretor por três anos.

Era o irmão mais velho da nossa Inspetoria. Teve uma dura juventude com muito trabalho e uma grande sobriedade de vida. Para sempre conservou essas características. Outra qualidade que brilhou nele foi a alegria, patenteada espontaneamente sobretudo nos encontros com amigos e jovens. Foi exemplar como sacerdote, professor e confessor.

Padre Ludovico Englert

★ em Würzburg (Alemanha) aos 17-2-1912, † em Munique (Alemanha) aos 5-1-1972 com 59 anos de idade, 36 de profissão e 24 de sacerdócio.

Fora um breve período em Buxheim, o seu apostolado sacerdotal desenvolveu-o como diretor no Oratório em Munique. Toda a sua vida foi um testemunho de fidelidade ao Senhor e à juventude no espírito de Dom Bosco.

Padre José Fanoni

★ em Chiesa Val Malenco (Sôndrio — Itália), 22-8-1927, † em Linares (Chile), 17-2-1972, aos 44 anos de idade, 27 de profissão e 19 de sacerdócio.

Sacerdote no pleno sentido da palavra, soube conjugar o ensino da cátedra universitária — era de fato apreciadíssimo professor de Sagrada Escritura na Universidade Católica de Santiago — com a atividade pastoral na nossa paróquia periférica de Santiago-Macul, na qual, humilde vice-pároco, sempre alegre entre mil sacrifícios, dedicou-se à gente mais pobre e especialmente aos jovens a que levava não só sua palavra de um verdadeiro amigo, mas também a ajuda moral e material. Distinguiu-se pelo amor ao trabalho e pelo profundo senso

da amizade que soube cultivar como verdadeiro discípulo de S. João Bosco.

Padre Francisco Febrer

★ em Ferrerías (Minorca — Espanha), 29-9-1916, † em Barcelona-Mundet (Espanha), 26-6-1971, aos 54 anos, 30 de profissão e 21 de sacerdócio.

A doação generosa aos outros foi a norma de seu sacerdocio. Exercitou seu apostolado em várias casas e sobretudo nos “Hogares Mundet”. Dava aulas a meninos, assistia-os em todos os ambientes sem descanso, atendia espiritualmente e pastoralmente aos anciãos e anciãs, confessava longas horas e assistia os moribundos. De piedade exemplar e de profunda humildade, procurou sempre o último lugar e achou o primeiro na estima dos irmãos.

Coad. Carlos Gärtner

★ em Hannover (Alemanha), aos 12-6-1908, † em Roma — S. Calisto (Itália), aos 9-12-1971 com 62 anos de idade e 22 de profissão.

Entrou na Congregação em idade madura; e quase logo foi destinado a fazer de guia nas Catacumbas de S. Calisto: durante 21 anos desenvolveu essa missão num delicado e amoroso serviço para a S. Sé e às almas. Nos dias de sua dolorosa enfermidade não deixou escapar uma palavra de lamento, manifestou antes plena conformidade em tudo à vontade de Deus até ao supremo sacrifício de si.

Padre Máximo Gasbarri

★ em Grottaferrata (Roma — Itália) aos 5-4-1894, † em Roma aos 2-8-1971 com 77 anos, 48 de profissão e 40 de sacerdócio.

A vida de padre Máximo caracterizou-se pela simplicidade jovial no trabalho generoso entre os jovens. A maior parte do seu apostolado salesiano consagrou-o aos petizes do “Pequeno Clero”. Foi nesse campo que se tornou útil à Congregação, descobrindo e cultivando não poucas vocações sacerdotais. A vida apartada e quase solitária desses últimos anos era vivificada no segredo da oração e da meditação.

Coad. Celestino Giacomuzzi

★ em Ziano (Trento — Itália) aos 18-5-1888, † em Mirabello (Novara — Itália) aos 8-7-1971, com 83 anos de idade e 47 de profissão.

Não é fácil traçar o perfil de um homem que viveu os seus dias na humildade e no silêncio, que passou ao nosso lado “nas pontas dos pés e nas pontas dos pés, quase a pedir desculpas, se foi...”. Salesiano

exemplar por seu trabalho, humildade e oração, foi bom cristão e bom religioso. Profundamente arraizado e vivo era o seu amor a D. Bosco e à Congregação. Era fidelíssimo na observância das constituições.

Coad. Cataldo Giunta

★ em S. Cataldo (Caltanissetta — Itália) aos 26-1-1903, † em Catânia (Itália) aos 23-11-1971 com 68 anos de idade e 42 de profissão.

Veio para a Congregação em idade madura, trabalhou como provedor, despenseiro e factotum nas nossas casas, deixando em toda a parte exemplos de regularidade, de vida religiosa, de generosidade, de laboriosidade. Depois de certo acidente rodoviário, teve que limitar com grande pena a sua atividade: em seguida, atingido por grave parálise e privado também da palavra faleceu serenamente com todos os confortos religiosos.

Padre Ludovico Griman

★ em Osiny (Polónia) aos 3-2-1901, † em Cieszyn (Polónia) em 19-10-71, aos 70 anos de idade, 51 de profissão e 41 de sacerdócio.

Desenvolveu o seu apostolado salesiano e sacerdotal como catequista, professor, prefeito, pároco e capelão de irmãs, deixando sempre um grande exemplo de zelo e de trabalho. Uma parálise progressiva o afastou das suas atividades. Uma grande afluência de irmãos e fiéis aos seus funerais deu testemunho da estima de que era cercado.

Coad. Brás Guastella

★ em Ragusa (Itália) aos 9-7-1876, † em Messina (Itália) em 19-11-71, aos 95 anos de idade e 66 de profissão.

Fez o seu aspirantado na casa inspetorial de Catânia aos 25 anos, adaptando-se a todos os trabalhos mais humildes. Nos seus 66 anos de profissão distinguiu-se por sua bondade, humildade, laboriosidade e delicadeza de trato. Sempre pronto à obediência, sereno e sorridente com todos. Oração, trabalho e temperança era o seu programa de vida salesiana.

Padre Jaime Gunning

★ em Manchester (Inglaterra) aos 29-1-1900, † em Kiln Green (Inglaterra) aos 30-11-1971 com 71 anos de idade, 39 de profissão e 30 de sacerdócio.

Aos 30 anos entrou na casa salesiana para começar a sua preparação ao sacerdócio. Depois desenvolveu 40 anos de apostolado na Inglaterra, na Irlanda e por breve período no Iran. Os últimos dois anos

teve que passá-los numa casa de descanso. Homem de vontade tenaz e de sólida piedade, tinha uma sentida devoção para com Nossa Senhora e Santa Teresa de Lisieux. O seu campo preferido de apostolado foi o confessional.

Padre Tomás Gutierrez

★ em Hinojosa de Duero (Salamanca — Espanha) aos 26-1-1902, † em 2-11-1971 aos 69 anos de idade, 31 de profissão e 41 de sacerdócio. Foi diretor por três anos.

Foi salesiano dinâmico e trabalhador. Atuou por vários anos na administração. Na cátedra, na administração, em viagens, na correspondência, como testemunham os seus ex-alunos, desenvolveu intenso apostolado salesiano e sacerdotal. Um grande amor à Congregação e uma profunda espiritualidade, feita de amor à Sagrada Escritura, de presença de Deus e devoção à N. S. Auxiliadora, individualizam a sua simpática figura de salesiano exemplar.

Padre Bernardo Herr

★ em Sta. Blasien (Alemanha) aos 1-1-1909, † em Munique (Alemanha) aos 23-1-1971 com 62 anos de idade, 42 de profissão e 33 de sacerdócio. Foi diretor por 23 anos

Homem de responsabilidade, enfrentou com êxito para a Congregação cargos delicados e de empenho. Em Munique teve que reconstruir a casa completamente destruída. Depois foi diretor em Munnheim e em Beromunster e por fim esteve encarregado dos cooperadores. Era sacerdote estimado em razão da sua bondade e cordialidade.

Coad. José Hundmeier

★ em Altdorf (Oberbayern — Alemanha) aos 24-11-1903, † em Wien (Áustria) aos 4-10-1971 com 67 anos de idade e 42 de profissão.

Aos 24 anos de idade decidiu consagrar-se a Deus na Congregação salesiana e prestou seu trabalho antes em algumas casas da Baviera e depois na Áustria. Laboriosidade e amor à vida comum foram as suas características. Atingido de mal súbito, foi operado e feleceu enquanto um irmão lhe administrava os sacramentos.

Padre José Jany

★ em Jaiko (Hungria), aos 3-4-1891, † em Taquari (Rio Grande do Sul — Brasil) aos 12-9-1971 com 80 anos de idade, 57 de profissão e 48 de sacerdócio.

Imigrando jovem, fez-se salesiano no Brasil e trabalhou em várias casas, desempenhando variadas incumbências: em tudo sempre cuidadoso e ordenado. Zelava pelas coisas. Possuía uma oficinazinha de

marcenaria onde reparava os pequenos estragos de objetos da casa. Não desdenhava trabalho penoso. Por um tempo foi vigário de roça: era vê-lo de botas e poncho, bifurcado no lombo de sua adestrada e nédia mula, percorrendo lugares difíceis, visitando capelas do interior sem recursos... Era bom religioso. Sua pobreza era tipicamente organizada: uma calça, uma batina, um objeto, durava-lhe por longo tempo. Pobre sim, mas asseado e bem composto, na pessoa, no escritório, no quarto. Fineza de trato, comedido e nobre nas atitudes. Um verdadeiro "gentleman". Exemplo de doação. Morreu trabalhando: costumava dizer: "Quando eu começar a dar trabalho, que Deus me tire desta vida".

Padre José Klenovsek

★ em Zurkov de 10 — Sernica (Jugoslávia) aos 19-2-1900, † em Ivanovo Selo (Jugoslávia) aos 16-10-1971, com 72 anos de idade, 39 de profissão e 31 de sacerdócio.

Padre José Keryzaouen

★ em Meslan (França) aos 26-12-1913, † em Caen (França) aos 21-9-1971 com 57 anos de idade, 39 de profissão e 27 de sacerdócio.

Fez seu tirocínio na casa de Caen, onde desabrochava sua vocação e onde empreendeu o ensino profissional, que não mais abandonou. Pequeno de estatura, soube impor-se, porém, com sua autoridade, competência e dedicação, não somente na aula, mas também nas incumbências mais variadas da assistência salesiana e sobretudo no ministério sacerdotal a que sempre se prestou com espírito de fraterna caridade.

Padre Antônio Kuczerowski

★ em Radziszow (Polônia) aos 23-6-1899, † em Campo Grande (Mato Grosso — Brasil) aos 20-11-1971 com 72 anos de idade, 53 de profissão e 42 de sacerdócio.

Dedicou-se especialmente ao apostolado paroquial e se identificou sacerdote zeloso nos seus deveres, piedoso, todo entregue aos pobres e aos pequenos. Considerou uma graça morrer numa casa salesiana e em dia dedicado a N. Senhora, de que era muito devoto.

Padre Alpino Laurenti

★ em Arezzo (Itália) aos 14-12-1921, † em Pietrasanta (Lucca — Itália) aos 18-10-1971 com 49 anos de idade, 33 de profissão e 19 de sacerdócio.

Alma delicada e toda de Deus. Dois apostolados sobretudo o caracterizam nos tempos disponíveis do ensino e da administração do

instituto: o assíduo cuidado dos ex-alunos, dos quais é lembradíssimo; as confissões e a direção espiritual de muitas almas sobretudo de várias comunidades religiosas da região. Acharnos num seu pequeno diário um pensamento que o caracteriza: “Tenho uma só palavra que dizer a Deus, meu Pai, e a todos os homens, meus irmãos: Obrigado!”.

Padre Antônio Leo

★ em Madrasta (Índia) aos 3-7-1937, † em Madrasta aos 15-10-1971, aos 34 anos de idade, 15 de profissão e 6 de sacerdócio.

Padre Inácio Lucas

★ em Cieza (Murcia — Espanha) aos 16-7-1910, † em Cabezo de Torres (Valência — Espanha) aos 15-6-1971 com 60 anos de idade, 40 de profissão e 29 de sacerdócio.

Foi sacerdote apóstolo cem por cento. Jovem professo perpétuo, durante a perseguição da guerra civil espanhola refugiou-se na sua terra, onde desenvolveu um perigoso ministério, levando a Eucaristia a todos os escondidos. Como sacerdote, doou-se generosamente ao ensino e ao ministério em diversas casas e em diversos encargos. A promessa de Dom Bosco: “pão, trabalho e paraíso” fazia que o seu trabalho fosse sorriso; o seu apostolado, generosidade; a sua vida religiosa, doação; a sua vida comunitária, alegria. Entregou sua alma a Deus, como um patriarca bíblico, rodeado pelos familiares e confrades.

Padre Jácomo Maggi

★ em Gênova (Itália), aos 27-6-1890, † em Belém (Israel), aos 15-1-1972, com 81 anos de idade, 62 de profissão e 52 de sacerdócio.

Vocação do Oratório festivo de Sampierdarena, trouxe para a Congregação um ânimo ardente, generoso, servil, piedoso e sacrificado. Com essas qualidades desenvolveu um precioso trabalho, sobretudo nos oratórios festivos de Belém e de Haifa. Apreciado diretor de almas, guiou na vida da virtude Irmãos, a elite cristã de Aleppo e distintos membros do clero local. Cultivou com tato as vocações sacerdotais e religiosas. Após um período de sofrimentos, fechou de maneira edificante sua vida sacerdotal.

Padre Luciano Majchrzycki

★ em Blazewo (Srem — Polónia) aos 7-1-1887, † em Wozniaków (Kurów — Polónia) aos 31-5-1971, com 84 anos de idade, 64 de profissão e 58 de sacerdócio.

Uma grave doença purificou-o durante longos anos de sua vida. Desenvolveu seu primeiro apostolado no México e lá, durante a perse-

guição, foi posto no paredão à espera de ser executado. Escapando e voltando para a pátria, exerceu o ministério das confissões por 50 anos em várias casas, dedicando-se continuamente à oração. Nos seus sermões os temas prediletos eram N. S. Auxiliadora e o S. Sacrifício do Altar.

Padre José Malic

★ em Pec (Áustria) aos 18-3-1884, † em Este (Itália) aos 13-1-1992, com 87 anos de idade, 70 de profissão e 62 de sacerdote. Foi Diretor por 6 anos.

Trabalhou como salesiano na Eslovênia, nas missões da Patagônia, e, finalmente na Itália. De caráter forte e enérgico, sabia ao mesmo tempo ser cordial e sereno. Tinha um culto especial pela pobreza. Gostava de estar entre os jovens, e exercer para eles e para diversas comunidades eligiosas o ministério das confissões. A surdez cortou-lhe nos últimos anos essa sua atividade, causando-lhe isso muita pena a seu coração sacerdotal.

Coad. Santi Mantarro

★ em Casalvecchio (Messina — Itália) aos 15-3-1890, † em Shillong (Índia) aos 30-7-1971 com 81 anos de idade, 51 de profissão.

Coad. Emílio Marechal

★ em Liège (Bélgica) aos 12-10-1903, † no mesmo lugar aos 20-2-1972 com 68 anos de idade, 49 de profissão.

Trabalhou muito como professor, depois como organista na nossa igreja paroquial. Amava a vida de comunidade e sabia difundir sempre ao seu redor a alegria e a confiança.

Padre Jílio Martini

★ em Buenos Aires (Argentina) aos 23-9-1906, † aí mesmo aos 65 anos de idade, 47 de profissão e 38 de sacerdócio. Foi Diretor por 15 anos.

Piedoso, austero quase até ao escrúpulo, desdobrou uma variada atividade pastoral nas nossas casas rodeado da estima dos irmãos. Ultimamente lhe fora confiado o cuidado das casas do extremo sul do país, a milhares de quilômetros de Buenos Aires, e foi incansável em prestar-lhes a sua zelosa assistência. Deve-se-lhe a fundação do periódico: "Patagônia Austral". Esperávamos ainda muito do seu generoso serviço: a sua lembrança pelo menos é estímulo para que o imitemos no seu imenso amor a Dom Bosco e à Congregação.

Coad. Sebastião Pio Merlino

* em Chiusavecchia (Impéria — Itália) aos 8-8-1903, † em Alassio (Itália) aos 5-4-1971 com 67 anos de idade e 43 de profissão.

Padre Jacinto Molino

* em Chieri (Torino — Itália) no dia 1-11-1913, † em Santiago (Chile) aos 29-10-1971 com 58 anos de idade, 37 de profissão e 28 de sacerdócio.

Viveu a sua vocação missionária com simplicidade, primeiro no ensino aos jovens, que sempre amou, e depois nos últimos anos como pároco na paróquia salesiana de Valparaíso. Sempre solícito nos seus deveres sacerdotais, soube granjear a benevolência dos seus paroquianos e aceitou com sernidade cristã a cruz da última doença.

Padre Miguel Molinski

* em Czernica — Brody (Polónia) aos 20-11-1937, † em Cieszkow (Polónia) aos 16-12-1971 com 37 anos de idade, 12 de profissão e 4 de sacerdócio.

Era um salesiano empreendedor e prático, zelosíssimo no pastoreio das almas, totalmente entregue aos jovens, pelos quais era muito amado. No relacionamento com as pessoas era muito cordial e demonstrava uma grande sensibilidade por qualquer ofensa alheia. Morreu tragicamente num acidente rodoviário, quando de motocicleta viajava para dar catecismo.

Padre Mário Mondati

* em Mendoza (Argentina) aos 24-10-1897, † em Eugênio Bustos (Mendoza — Argentina) aos 1-6-1971 com 73 anos de idade, 53 de profissão e 45 de sacerdócio. Foi Diretor por 16 anos.

De espírito dinâmico e empreendedor, generoso e desapegado, incansável no trabalho colocou todas as suas energias a serviço das almas, especialmente nas atividades paroquiais. Suas características foram a pobreza e um grande amor a Dom Bosco e à Congregação. Encerrou sua vida num acidente rodoviário em pleno trabalho apostólico.

Coad. José Mondejar

* em Córdoba (Espanha) aos 14-3-1912, † em Las Palmas (Canárias — Espanha) aos 24-11-1971 com 59 anos, 42 de profissão e 33 de sacerdócio. Foi Diretor por 16 anos.

Salesiano de grandes qualidades humanas, excelente professor, grande trabalhador, zeloso sacerdote, aspirou à perfeição da vida religiosa com todo o ardor de seu ânimo generoso. Sincero e coerente em

sua atitude, deu-se todo aos outros e soube também exigir deles. Sofreu muito, amou muito, teve grandes desejos, porque aspirava sempre ao melhor. Deus já terá satisfeito à sua grande alma.

Coad. Carlos Montecchio

★ em Pernumia (Pádua — Itália) aos 26-4-1892, † em Turim (Itália) aos 28-1-1972 com 79 anos de idade e 48 de profissão.

Para mais de 40 anos foi *carteiro* dos Superiores maiores e da Direção Geral. Sempre disponível a levar, distribuir, selar com paciência e precisão, a qualquer hora e a todas as urgências. Mereceu a confiança de todos os Superiores, a começar do servo de Deus Dom Rinaldi, porque realizava em si o ideal do coadjutor segundo o coração de Dom Bosco: piedoso, trabalhador, cordial, homem de confiança e de responsabilidade.

Padre Pedro Moreno

★ em Montevideú (Uruguai) aos 27-9-1886, † em Montevideú aos 12-6-1971 com 84 anos, 67 de profissão e 58 de sacerdote. Foi Diretor por 14 anos.

O seu decesso foi silencioso como fora sua vida. Sacerdote benemérito, foi exemplo vivo de laboriosidade salesiana. Seu principal ministério foi dirigir com prudência e sabedoria muitas almas religiosas pelo caminho da perfeição, como Mestre de noviços, Diretor, prudente confessor e professor de Teologia. A caridade fraterna inspirou todas as suas relações com os outros.

Padre Gofredo Moroncelli

★ em Verucchio (Forlì — Itália) aos 30-1-1915, † em Varazze (Itália) aos 7-2-1971 com 56 anos, 38 de profissão e 29 de sacerdócio. Foi Diretor por 17 anos.

Figura muito conhecida onde exerceu o seu apostolado, e especialmente em Varazze, onde em dois períodos dirigiu as Obra Salesiana. Sob sua direção tiveram forte impulso todas as atividades da Casa: as aulas, o ministério na igreja local, o oratório. Dinâmico e alegre, otimista e animador, de profundo espírito religioso e sacerdotal, padre Moroncelli deixa a lembrança de um verdadeiro filho de Dom Bosco.

Padre Daniel Murphy

★ em Kuockagree (Irlanda) aos 29-11-1909, † em Battersea (Londres — Inglaterra) aos 23-4-1971 com 61 anos, 41 de profissão e 32 de sacerdócio.

O Padre Murphy foi homem de grande cordialidade e bondade e, aonde quer que fosse, angariava amigos tanto entre os jovens como

entre os velhos. Seu apostolado desenvolveu-se principalmente na aula. Caridade para com todos e profundo apego a Dom Bosco e à vocação salesiana foram as características deste nosso bom irmão.

Padre José Marphy

★ em Newcastle (Northumberland — Inglaterra) aos 4-4-1920, † em Tirupattur (Índia) aos 14-11-1971 com 51 anos, 33 de profissão e 23 de sacerdócio. Foi Diretor por 10 anos.

Padre José Navarro

★ em Orã (Argélia) aos 18-3-1918, † em Lião (França) aos 20-5-1971 com 53 anos, 34 de profissão e 24 de sacerdote.

Nas várias incumbências de professor, catequista, assistente, vigário padre Navarro foi amado pelo seu caráter acolhedor, seu otimismo e bondade. Seu zelo apostólico o levava a cuidar com diligência e sacrifício das almas que se lhe confiavam... Preocupou-se muito também pela obra da evangelização. A sua morte trágica, por um acidente rodoviário, causou grande consternação em quantos ele amava fraternamente.

Padre Luiz Odello

★ em Mondovì (Cúneo — Itália) aos 17-1-1907, † no Cairo (R.A.U.) aos 5-2-1972 com 65 anos, 48 de profissão e 39 de sacerdócio. Foi Diretor por 8 anos.

Bela figura de salesiano que tombou na brecha: apesar da idade e uma indisposição asmática, quis trabalhar sempre e com entusiasmo de jovem. Foi Diretor da Escola Italiana de Ismailia, e depois da Casa do Cairo, assistente espiritual durante os difíceis e longos anos de internamento, provecto professor, animador de grupos escotistas por 25 anos. Em toda a parte deixou imdelével marca de suas raras prendas de mente e coração e de sua paixão pela precisão em todas as coisas.

Coad. Tomás Orsolin

★ em Siror (Trento — Itália) aos 12-8-1907, † em Beluno (Itália) aos 9-3-1971 com 63 anos de idade e 35 de profissão.

Salesiano obediente, humilde, laboriosíssimo, piedoso. Doou-se generosamente por 32 anos às Missões da China e das Filipinas, que com pesar teve que deixar por falta de saúde. Cortado por uma doença inexorável foi unir-se na mansão eterna, apenas dois meses depois, ao seu Inspetor padre Carlos Braga, que lhe havia sempre demonstrado muito afeto e plena confiança.

Padre Fernando Ortega

★ em Quintanilha (Burgos — Espanha) aos 20-8-1917 e faleceu em Bucaramanga (Colômbia) aos 9-2-1972 com 54 anos de idade, 36 de profissão e 25 de sacerdócio. Foi Diretor por 5 anos.

Depois de ter sofrido os duros anos da guerra civil espanhola, quis consagrar generosamente a sua vida aos leprosos e passou 5 anos em Água de Dios. Depois como prefeito em Zapotoca conquistou o afeto dos salesianos, dos alunos e das pessoas externas, colaborando eficazmente na vida paroquial. Distinguiu-se por sua caridade, pelo seu espírito de sacrifício e sua piedade. Jamais quis voltar à pátria por espírito de desapego e austeridade.

Padre Luís Pace

★ em Montereale (L'Aquila) aos 18-7-1917, † em Roma aos 28-7-1971 com 54 anos de idade, 33 de profissão e 24 de sacerdócio.

Já durante os estudos de Teologia, no fim da guerra mundial, era um dos apóstolos dos “sciusciá”. A eles consagrou depois todas as suas energias. Durante os primeiros anos de sacerdócio exercia nesses jovens um fascínio irresistível por sua cordialidade boa e aberta, sua doação generosa, sua capacidade de aproximação e também sua firmeza. Porém mais que tudo impunha-se com sua força serena e luminosa de sua fé e seu zelo sacerdotal. O “Borgo Ragazzi Dom Bosco” teve nele um dos sustentáculos e dos animadores mais válidos e foi, também por seu mérito, um dos mais belos testemunhos do trabalho salesiano entre os pobres. Foram ainda campo do seu zelo pastoral a paróquia salesiana de Civitavecchia antes e por fim a de Dom Bosco em Roma. Na maior paróquia de Roma as virtudes e o zelo do padre Pace tiveram azo de desdobrar-se em toda a sua plenitude: o afeto e a correspondência dos fiéis e a estima da autoridade eclesiástica deram uma medida do sucesso de sua obra. Esperava-se muito dele, quando um trágico acidente lhe truncou a vida já desgastada pelo trabalho e achaques diversos aos quais nunca se rendera. Nas mãos do Reitor Mor que o visitara depois do desastre, ofereceu sua vida pelo feliz êxito do Capítulo Geral.

Padre Brás Paglia

★ em Pescasseroli (L'Aquila — Itália) aos 27-3-1933, † em Roma aos 10-9-1971 com 38 anos, 15 de profissão e 5 de sacerdócio.

Jovem sacerdote, trouxe no seu trabalho salesiano uma generosidade sem reserva, um espírito sempre sereno e alegre, uma abertura

cordial para com todos os irmãos. Trabalhou com predileção entre os jovens no “Borgo Dom Bosco”, de Roma, e pelas vocações. Muito se esperava do seu apostolado, mas o Senhor chamou-o a si através de um mal inexorável, que lhe purificou a alma sem jamais perturbar a simplicidade da sua aceitação. Ofereceu o seu sofrimento pelo Capítulo Geral.

Padre João Pagliero

★ em Turim (Itália) aos 7-11-1905, † em Pietra Ligure (Savona — Itália) aos 1-9-1971 com 65 anos, 49 de profissão e 39 de sacerdócio.

Salesiano de ténpera antiga, exemplar no trabalho, na observância religiosa, na obediência. Durante muitos anos foi administrador sagaz e prudente, rígido consigo, generoso com os outros. Ex-aluno do Oratório conservou forte amor ao espírito de Dom Bosco e às suas tradições. Terminou sua vida como vice-pároco em Torino São Paolo, deixando grande saudade de seu trabalho como bom confessor.

Padre José Pampin

★ em Maria del Conjo (Coruña — Espanha) aos 16-8-1895, † em S. Isidro (Argentina) aos 7-7-1971 com 75 anos, 59 de profissão e 46 de sacerdócio. Foi Diretor por 6 anos.

Desenvolveu uma sacrificada e eficaz atividade pastoral na Patagônia de 1917 a 1943, com um trabalho reservado — podemos dizê-lo com verdade — às almas de ténpera heróica. Por oito anos fez de missionário itinerante, atingindo os vilarejos mais perdidos da Cordilheira para levar a luz da doutrina e os SS. Sacramentos a grupos de pobres homens isolados do mundo. Os últimos anos, já com saúde precária, passou-os nas casas de Buenos Aires como confessor. Demonstrou sempre um profundo amor à Igreja e à Congregação.

Coad. Nazareno Pappalardo

★ em S. Pietro Clarenza (Catânia — Itália) aos 9-10-1905, † em Barcellona Pozzo di Gotto (Messina — Itália) aos 4-8-1971 com 65 anos de idade e 44 de profissão.

Fez-se salesiano, como coadjutor, de jovem, adaptando-se aos mistérios mais humildes das nossas casas, praticando o verdadeiro espírito salesiano no apostolado de exemplo e no sacrifício de si para os outros. Por mais de 20 anos uma doença na coluna vertebral fez-lhe diminuir a sua operosidade: nada obstante dava-se com generosidade para tornar alegre e serena a vida dos meninos do Oratório.

Padre Inácio Pardo

★ em Choachi (Cundinamarca — Colômbia) aos 1-12-1914, † em Ciénaga (Colômbia) aos 24-1-1972, com 57 anos de idade, 38 de profissão e 28 de sacerdócio. Foi Diretor por 6 anos.

Ordenado sacerdote na Itália durante a última guerra mundial, foi catequista em Montalenghe por três anos. Tornando à Pátria teve meningite e sarou por graça particular de N. S. Auxiliadora de que era muito devoto. Durante a convalescência numa casa de descanso, abriu algumas classes para os meninos da redondeza, e pouco por vez conseguiu fundar uma escola agrícola que é hoje reconhecida como a melhor da Colômbia. Concedeu-lhe o governo uma condecoração ao mérito.

Padre José Parodi

★ em Paissandu (Uruguai) aos 31-3-1922, † em Las Piedras (Uruguai) aos 8-11-1970 com 48 anos, 31 de profissão e 23 de sacerdócio. Foi Diretor por 9 anos.

Pároco por 13 anos e decano dos sacerdotes de sua região presbiteral, foi para todos companheiro atento e solícito em resolver-lhes as dificuldades e mostrou sempre firme e filial adesão ao magistério da Igreja. Las Piedras, com todas as suas instituições, conheceu a sua presença de sacerdote, amigo e companheiro. Morreu tragicamente tentando arrancar das águas dois alunos do seu colégio paroquial, verdadeiro pastor que dá a vida pelas suas ovelhas.

Clérigo Estanislau Pietryca

★ em Krzemienica (Polônia) aos 26-4-1945, † em Mielec (Polônia) aos 30-10-1971 com 26 anos e 1 de profissão.

A vida do querido irmão, com um ano apenas de profissão, era rica de muitas promessas para o trabalho salesiano. A morte truncou-as, mas fica para nós a lembrança e a vontade de realizá-las em nossa vida.

Padre José Pinaffo Prevedello

★ em S. Giustina in Colle (Padova — Itália) aos 3-6-1887, † em Altamira (Venezuela) aos 25-8-1971 com 84 anos de idade, 63 de profissão e 51 de sacerdócio. Foi Diretor por 23 anos.

Grande parte das suas energias como missionário as gastou trabalhando na Tailândia: mais de 20 anos. Outros 23 anos passou-os na Venezuela, antes como Capelão dos Imigrantes italianos, depois também como confessor procurado pelas comunidades dos salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora e por outras Congregações femi-

nas. O padre Pinaffo antes de tudo foi sacerdote, obediente e devoto do Papa e dos Bispos, interessado pela liturgia, atualizado com oportunas leituras sobre a vida da Igreja. Possuía um espírito otimista e grande amor a Nossa Senhora Auxiliadora e a Dom Bosco.

Padre Mário Del Rio

★ em Lucena (Córdoba — Espanha) aos 7-5-1905, † em Medellín (Colômbia) aos 15-10-1971 com 66 anos de idade, 50 de profissão e 42 de sacerdócio. Foi Diretor por 9 anos.

Salesiano modelo, ocupado sobretudo como professor que comunicava o saber e a bondade na aula com um método e genial preparação. Trabalhou até o último dia pelos alunos e deixou tudo disposto para seu melhor proveito. Foi pregador e diretor de almas muito apreciado por sua sã doutrina, enquanto com sua bela voz e suas argutas facécias era contínua ocasião de serena alegria entre os irmãos.

Beraldo Rizzo

★ em Ormea (Cúneo — Itália) aos 4-2-1896, † em (Bagnolo — Itália) aos 5-2-1972 com 76 anos de idade e 55 de profissão.

Desaparece com ele uma figura luminosa de Coadjtor salesiano. A habilidade técnica chamou-o para altas responsabilidades nas nossas escolas antes e, depois, no Vaticano, onde por 24 anos consecutivos foi Diretor Técnico do Osservatore Romano e da Poliglotta Vaticana. Em toda a parte deixou a edificação de uma serena coerência religiosa, e uma nobre delicadeza de ânimo e trato, e de cordial amor a Dom Bosco e segura atitude pedagógica com os jovens. Por longos anos uma grave doença, suportada com amável resignação à vontade de Deus, obrigou-o a uma vida de retiro e sofrimentos, enriquecida ininteruptamente com a oração.

Padre Francisco Romagnino

★ em Selargius (Calhari — Itália) aos 2-11-1905, † em Rosário (Argentina) aos 20-7-1971 com 65 anos de idade, 46 de profissão e 38 de sacerdócio. Foi Diretor por 3 anos.

Chegando jovem para a Argentina, entre outras incumbências teve a responsabilidade de reitor do Seminário de Cochabamba (Bolívia) e de Secretário e Vigário Inspetorial, em Rosário. Por toda a vida estudou e viveu a liturgia, alma de sua vida sacerdotal. Foi homem reto e equilibrado, metodicamente fiel ao seu dever, autêntico como homem, cristão e sacerdote.

Padre Ermínio Rossetti

★ em Conegliano (Treviso — Itália) aos 20-9-1874, † em Lisboa (Portugal) aos 27-11-1971 com 97 anos de idade, 79 de profissão e 72 de sacerdócio.

Era um dos poucos salesianos supérstites que haviam conhecido Dom Bosco. Ele o viu algumas vezes quando entrou como aluno de Valdocco em 1887. A sua foi verdadeiramente uma extraordinária vida de apóstolo, desde a Itália ao Timor e na Austrália e finalmente em Portugal. Homem de Deus e homem de fé, para ele não existia dificuldade: teve amor apaixonado pelo Fundador, foi delicadíssimo para com os outros e verdadeiro pai para com os pobres. Dotado de bom humor e aberto à alegria, servia-se dessas qualidades, à imitação de D. Bosco, como de uma arma para apostolado. Entre os irmãos, pela bondade e riqueza espiritual de sua figura, parecia que ligasse de veras os salesianos de hoje ao nosso santo fundador.

Padre Ludovico Rupala

★ em Mislowitz (Polónia) aos 3-6-1888, † em Sokolow Podlaski (Polónia) aos 14-1-1971 com 82 anos de idade, 50 de profissão e 44 de sacerdócio.

Dedicou sua vida sacerdotal trabalhando entre os jovens do oratório. Eles eram os seus prediletos. Fazia de tudo: árbitro no esporte, autor, dirigente, decorador no “teatrinho”, catequista e assistente dos jovens. Sempre sereno, pronto a ajudar na igreja, na aula, na casa. Nos últimos anos, não podendo fazer outro trabalho, confessava muito e havia começado a escrever sobre a obra do oratório.

Clérigo Vicente Sajko

★ em Ranjkovec (Slovénia — Jugoslávia) aos 2-1-1949, † em Zelimlje (Jugoslávia) aos 10-8-1971 com 22 anos de idade e 2 de profissão.

Padre Jorge Salbeck

★ em Schwandor (Baviera — Alemanha) aos 23-4-1902, † em S. Francisco (USA) aos 17-6-1971 com 69 anos de idade, 44 de profissão e 36 de sacerdócio. Foi Diretor por 18 anos.

Como pároco se mostrou cordial, generoso, sempre disponível para com os doentes e necessitados, zeloso pela casa de Deus e pelas funções litúrgicas. O seu parecer, como conselheiro inspetorial, era muito apreciado. Fazia muito pela Inspeção e casas de formação. Nos últimos dez anos suportou com paciência e resignação, penosa doença que o levou a uma serena e edificante morte.

Padre Antônio Sassi

★ em Bibbiano (Reggio Emilia — Itália) aos 28-8-1907, † em Milão (Itália) aos 19-12-1971 com 64 anos de idade e 48 de profissão e 39 de sacerdócio.

Passou a maior parte de sua vida salesiana ativa nos Oratórios, onde se deu com zelo e eficácia. Povado na saúde, aceitou com serenidade o desapego progressivo das atividades que lhe encheram a vida, para unir-se com mais fé ao Senhor em humilde oração e dor resignada.

Padre José Scheuermann

★ em Niederkirchen (Alemanha) aos 12-8-1895, † em Waldwinkel (Alemanha) aos 21-10-1971 com 76 anos de idade, 48 de profissão e 40 de sacerdócio.

Como militar na primeira guerra mundial, sentiu amadurecer-lhe a vocação religiosa. Ordenado sacerdote em Turim, partiu para o Brasil como missionário. Por 23 anos dedicou todas as suas energias, trabalhando primeiro em paróquias salesianas com muitas capelas no vale do Itajaí no Estado de Santa Catarina, em seguida, como confessor em casas de formação de aspirantes e clérigos. Gerações de salesianos o conheceram e admiraram por sua bondade genuína e cordialidade “sine dolo”. Por motivos de saúde voltou para sua pátria onde ainda foi solicitado como confessor. Foi vítima de um acidente enquanto se dirigia à paróquia para seu ministério sacerdotal.

Padre João Slosarczyk

★ em Stara Wies (Polônia) aos 13-3-1895, † em Kopiec (Polônia) aos 18-12-1971 com 76 anos de idade, 59 de profissão, 52 de sacerdote. Foi Diretor por 20 anos e 15 Inspetor.

Como sacerdote salesiano dedicou-se com toda a alma ao trabalho educativo nas nossas casas. Tinha qualidades especiais e um sentido praticíssimo para esse trabalho. Como Inspetor, nos anos muito difíceis da guerra, organizou em novas bases o apostolado dos irmãos, devendo trocar as atividades ordinárias dos nossos institutos pela catequese e pastoral paroquial. Terminado o seu encargo, escreveu a história documentada de todas as casas da Polônia e vários opúsculos ascéticos.

Padre Jácomo Streit

★ em Monchstokleim (Baviera — Alemanha) aos 19-12-1902, † em Teerã (Irã) aos 8-11-1971 com 68 anos de idade, 44 de profissão, 35 de sacerdócio.

Desde 1938 achava-se no Irã como adido à obra da Delegação Apostólica e encarregado dos católicos da língua alemã de todo o

Irã. Brilhou nele o zelo pelo cuidado das almas, especialmente no ministério das confissões, no anunciar a palavra de Deus e na assistência dos doentes. Devemos a ele o reconhecimento oficial da Congregação Salesiana da parte do Governo Iraniano como Obra de beneficência iraniana, e o desenvolvimento da nossa grande obra de Terherã.

Coad. Luís Szennik

★ em Budapest (Hungria) aos 14-1-1883, † em Madri — S. Fernando (Espanha) aos 26-1-1972 com 89 anos de idade e 53 de profissão.

Feito o noviciado e a profissão no México, em idade madura, foi depois mandado pelo Pe. Rinaldi ao aspirantado de Astudillo (Espanha), onde foi enfermeiro, professor e factótum. Foi uma verdadeira providência para as necessidades daquela casa. Alegria, piedade, respeito à vida de comunidade, equanimidade e espírito de adaptação a todas as vicissitudes da vida, foram somente alguns aspectos de sua figura de salesiano.

Padre Antônio Tietz

★ em Peine — Hannover (Alemanha) aos 15-10-1900, † em Gerolstein (Alemanha) aos 11-10-1971 com 71 anos de idade, 46 de profissão e 38 de sacerdócio. Foi Diretor por 6 anos.

Foi de piedade sólida, diligente no cumprir os seus deveres e preparação das aulas dos aspirantes. Vivia na fé de Cristo e animava-o uma grande confiança em Nossa Senhora Auxiliadora. Foi como Dom Bosco grande amigo dos jovens. Demonstrou-se pastor zeloso de muitas almas fiéis, e para com os seus irmãos foi companheiro solícito no caminho da vida religiosa.

Padre Antônio Tiranti

★ em Vignaud (Córdoba — Argentina) aos 2-6-1928, † em Rosário (Argentina) aos 17-11-1971 com 43 anos, 23 de profissão e 14 de sacerdócio.

Sacerdote cheio de vida que consagrou ser reserva a Deus e às almas particularmente aos jovens. Os últimos anos, vividos na clara consciência do mal que ia cortando dia a dia a sua vida, o prepararam para o passo definitivo no qual realizou a plenitude daquela Páscoa que incessantemente anunciara com a palavra e com o testemunho da vida.

Padre Henrique Tittarelli

★ em Mazzangrugno — Iesi (Ancona — Itália) aos 16-1-1885, † em Castellamare di Stabia (Nápoles — Itália) aos 25-11-1971 com 86 anos, 68 de profissão e 60 de sacerdócio. Foi Diretor por 23 anos e 6 Inspetor.

Foi uma grande figura de sacerdote, de salesiano e de educador. Desenvolveu as suas qualidades em postos de grande responsabilidade na vida salesiana. Era bom, delicadíssimo e cuidadoso com todos, apaixonado por Deus, dominado pelo amor a Dom Bosco e pelas missões. Compôs para os jovens vários textos escolares, primeiro entre todos a “Nova Gramática Latina”, que teve amplo êxito. As suas apreciáveis benemerências no campo pedagógico-didático lhe valeram a autorga da medalha de ouro do Ministério da Instrução Pública. Conservou até os últimos anos um viçor juvenil de vida e passou entre os irmãos irradiando a alegria com seu rosto sempre sereno, com a palavra animadora e com o férvido amor à Eucaristia e à Nossa Senhora. A sua última saudação, repetida várias vezes na última hora, foi a de Dom Bosco: “Ver-nos-emos no céu!”

Padre Henrique Toneatto

★ em Flambro — Talmassons (Udine — Itália) aos 30-10-1900, † em Bernal (Argentina) aos 12-1-1971 com 71 anos de idade, 55 de profissão e 46 de sacerdócio. Foi Diretor por 6 anos.

A sua longa vida de salesiano distinguiu-se por incondicional dedicação ao trabalho, especialmente no ensino. Na cátedra soube achar o meio mais eficaz para o seu apostolado. Uma referência especial merece o seu amor para os jovens espalhados nas vastas regiões agrícolas da Argentina. Por isso grande parte do seu tempo passou-o nas Escolas Agrícolas, das quais foi um grande promotor.

Padre Miroslau Vasina

★ em Banov (Morávia — Checoslováquia) aos 12-10-1928, † em Verbania (Novara — Itália) aos 21-11-1971 com 43 anos, 24 de profissão e 7 de sacerdócio.

Com o coração cheio de saudades dos irmãos, prófugos duma pátria sem liberdade, revelou vivendo entre nós um cristianismo feito de caridade, um sacerdócio vibrante e generoso, um grande amor à Igreja e à Congregação salesiana. O último trágico dia — morreu num desastre rodoviário — o Senhor achou-o pronto para o sacrifício.

Padre Antônio Weis

★ em Neuburg (Alemanha) aos 6-3-1903, † em Penzberg (Alemanha) aos 25-7-1971 com 68 anos, 45 de profissão e 41 de sacerdócio.

Era estudante no seminário episcopal de Dillingen, quando viu amadurecer a sua vocação salesiana. Por toda a vida serviu fielmente a Congregação, empenhando todas as suas forças como educador, prefeito e ótimo professor de matemática. Quando por motivos de saúde já não pode assumir nenhuma incumbência, de bom grado se prestava a ajudar no ministério das almas em nossas capelanias.

Padre Hipólito Wladarz

★ em Pielgrzymowice (Polónia) aos 29-4-1907, † em Mikolow (Polónia) aos 17-11-1971 com 64 anos de idade, 45 de profissão e 35 de sacerdócio.

Transcorreu a mais longa e ativa parte de sua vida sacerdotal em Szczyrk, onde construiu uma bela igreja a Nossa Senhora Negra, deixando um sinal visível de seu zelo sacerdotal. Era muito simples e aberto nas relações com os outros, sempre sereno e sorridente, exemplar na observância das Constituições e zeloso no cumprimento dos seus deveres sacerdotais. Atormentado por muito tempo por uma cruel doença, suportou-a com edificante paciência. Estava bem preparado e maduro quando a morte o introduziu para o encontro com o Pai celeste.

1.º	Elenco 1972						
N.º	Sobr. e Nome	Lug. de Nasc.	Data do Nasc. e Morte	Idade	Lugar de Morte	INSP.	
1	— Coad. ANGUS Roberto Samuel	Adelaide (AUS)	12-12-1923	1-10-1971	47	Sunbury (AUS)	At
2	— Sac. AROCENA Miguel	La Plata (RA)	18-06-1898	7-02-1972	73	Bahia Blanca (RA)	BB
3	— Sac. BACCA Luís	Budrio (I)	8-03-1914	17-11-1971	57	Faenza (I)	Ad
4	— Sac. BAJON Ladislau	Smigiel-Koscian (PL)	28-06-1914	27-03-1971	56	Sepopol (PL)	Lz
5	— Sac. BANKA Ricardo	Siemianowicz (PL)	7-04-1898	2-01-1972	73	Klagenfurt (A)	Au
6	— Coad. BASTIANI Aldo	Farnetella-Sinal. (I)	28-10-1918	28-11-1971	53	Siena (I)	Li
7	— Sac. BIASIOLI Silvio	Sopramonte (I)	1-09-1921	24-05-1971	49	Trento (I)	Or
8	— Coad. BOCWINSKI Adolfo	Cserwonka-Sok. (PL)	10-03-1896	5-09-1971	75	Głusków (PL)	Lz
9	— Sac. BODENSTEINER João	Püchersreuth (D)	18-08-1907	17-04-1971	63	Memmingen (D)	Mü
10	— Sac. BOFFA Carlos	Diano d'Alba (I)	14-05-1911	31-12-1971	60	Torino-Valdocco (I)	Sb
11	— Sac. CASTIGLINI José	Busto Arsizio (I)	4-03-1917	16-02-1972	54	Cerignola (I)	Pu
12	— Sac. COLOMBO Pedro	Truccazzano (I)	16-03-1886	2-02-1972	85	Milano (I)	Lo
13	— Coad. CUCCO Carlos	Verolengo (I)	27-04-1913	30-12-1971	58	La Plata (RA)	LP
14	— Sac. DEMARIA João	S. Damiano Macra (I)	4-04-1912	9-01-1972	59	Intra di Verbania (I)	No
15	— Sac. DE ROSSI Eraldo	Ponderano (I)	7-06-1905	16-01-1972	66	Alexandria do Egito (ET)	OP
16	— Sac. DOMINO João	Babice (PL)	14-06-1897	26-11-1972	74	Jaciarezek (PL)	Lz
17	— Sac. DREESSEN Rodolfo	Rekem (B)	12-01-1889	25-08-1971	82	Neerpelt (B)	Wo
18	— Sac. ENGLERT Ludovico	Würzburg (D)	17-02-1912	5-01-1972	59	München (D)	Mü
19	— Sac. FANONI José	Chiesa Val Malenco (I)	22-08-1927	17-02-1972	44	Linares (E)	Bn
20	— Sac. FEBRER Francisco	Ferreries (E)	29-09-1916	26-06-1971	54	Barcelona (E)	Bn
21	— Coad. GARTNER Carlos	Hannover (D)	12-06-1908	9-12-1971	63	Roma (I)	Cn
22	— Sac. GASBARRI Maximino	Grottaferrata (I)	5-04-1894	2-08-1971	77	Roma (I)	Ro
23	— Coad. GIACOMUZZI Celestino	Ziano (I)	18-05-1888	8-07-1971	83	Mirabello (I)	No
24	— Coad. GIUNTA Cataldo	S. Cataldo (I)	26-01-1903	23-11-1971	68	Catânia (I)	Sc
25	— Sac. GRIMAN Ludovico	Osiny (PL)	3-02-1901	19-10-1971	70	Cieszyn (PL)	Kr
26	— Coad. GUASTELLA Brás	Ragusa (I)	9-07-1876	19-11-1971	95	Messina (I)	Sc
27	— Sac. GUNNING Jácómo	Manchester (GB)	29-01-1900	30-11-1971	71	Kiln Green (GB)	Iq
28	— Sac. GUTIERREZ Tomás	Hinojosa de Duero (E)	26-01-1902	2-11-1971	69	Hinojosa (E)	Se
29	— Sac. HERR Bernardo	St. Blasien (D)	1-01-1909	23-01-1971	62	München (D)	Mü
30	— Coad. HUNDMETTER José	Altford (D)	24-11-1903	4-10-1971	67	Wien (A)	Au
31	— Sas. JANY José	Jaiko (H)	3-04-1891	12-09-1971	80	Taquari (BR)	PA
32	— Sac. KERYZAOUEN José	Meslan (F)	26-12-1913	21-09-1971	57	Caen (F)	Pr
33	— Sac. KLENOVSEK José	Zurkov (YU)	19-02-1900	16-10-1971	71	Ivanovo (YU)	Zq
34	— Sac. KUCZEROWSKI Antônio	Radziszow (PL)	23-06-1899	20-11-1971	72	Campo Grande (BR)	CG
35	— Sac. LAURENTI Alpino	Arezzo (I)	14-12-1921	18-10-1971	49	Pietrasanta (I)	Li
36	— Sac. LEO Antônio	Madras (India)	3-07-1937	15-10-1971	34	Madras (India)	Mr
37	— Sac. LUCAS Inácio	Cleza (E)	16-07-1910	15-06-1971	60	Cabezo de Torres (E)	Va
38	— Sac. MAGGI Jácómo	Genova (I)	27-06-1890	15-01-1972	81	Betlemme (IL)	Or
39	— Sac. MAJCHRYZCKI Lucjano	Blazljevo (PL)	7-01-1887	31-05-1971	84	Wozniaków-Kutno (PL)	Lz
40	— Sac. MALIC José	Pec (A)	18-03-1884	13-01-1972	87	Este (I)	Vr
41	— Coad. MANTARRO Santi	Casalvecchio (I)	15-03-1890	30-07-1971	81	Shillong (India)	Ga
42	— Coad. MARECHAL Emílio	Llegi (B)	12-10-1903	20-02-1972	68	Llegi (B)	Lb
43	— Sac. MARTINI Júlio	Buenos Aires (RA)	23-09-1906	9-12-1971	65	Buenos Aires (RA)	BA

1.º Elenco 1972 N.º	Sobr. e Nome	Lug. de Nasc.	Data do Nasc. e Morte	Idade	Lugar de Morte	INSP.	
44 —	Coad. MERLINO Sebastião Pio	Chiusavecchia (I)	8-08-1903	5-04-1971	67	Alassio (I)	Li
45 —	Sac. MOLINO Jacinto	Chieri (I)	1-11-1913	29-10-1971	58	Santiago (RCH)	Cl
46 —	Sac. MOLINSKI Miguel	Czernica-Brody (PL)	20-11-1937	16-12-1971	34	Cieszaków (PL)	Kr
47 —	Sac. MONDATI Mário	Mendoza (RA)	24-10-1897	1-06-1971	73	Eugenio Bustos (RA)	Cr
48 —	Sac. MONDEJAR José	Córdoba (E)	14-03-1912	24-11-1971	59	Las Palmas (E)	Cb
49 —	Coad. MONTECCHIO Carlos	Pernumia (I)	26-04-1892	28-01-1972	79	Torino (I)	Cn
50 —	Sac. MORENO Pedro	Montevideu (U)	27-09-1886	12-06-1971	84	Montevideo (U)	U
51 —	Sac. MORONCELLI Gofredo	Verucchio (I)	31-01-1915	7-02-1971	56	Varazze (I)	Li
52 —	Sac. MURPHY Daniel	Knockagree (IRL)	28-11-1909	23-04-1971	61	Battersea (GB)	Ig
53 —	Sac. MURPHY José	Newcastle (GB)	4-04-1920	14-11-1971	51	Tirupatur (Índia)	Mr
54 —	Sac. NAVARRO José	Orã (Argélia)	18-03-1918	20-05-1971	53	Lyon (F)	Ly
55 —	Sac. ODELLO Luis	Mondovì (I)	17-01-1907	5-02-1972	65	O Cairo (ET)	Or
56 —	Coad. ORSOLIN Tomás	Siror-Trento (I)	12-08-1907	9-03-1971	63	Belluno (I)	Vr
57 —	Sac. ORTEGA Ferdinando	Quintanilha (E)	20-08-1917	9-02-1972	54	Bucaramanga (CO)	Bg
58 —	Sac. PACE Luis	Montereale (I)	18-07-1917	28-07-1971	54	Roma (I)	Ro
59 —	Sac. PAGLIA Brás	Pescasseroli (I)	22-03-1933	10-09-1971	38	Roma (I)	Ro
60 —	Sac. PAGLIERO João	Torino (I)	7-11-1905	1-09-1971	65	Pietra Ligure (I)	Sb
61 —	Sac. PAMPIN José	Conjo (E)	26-08-1895	7-07-1971	75	San Isidro (RA)	BA
62 —	Coad. PAPPALARDO Nazareno	S. Pietro Clarenza (I)	9-10-1905	14-08-1971	65	Barcelona P. di G. (I)	Sc
63 —	Sac. PARDO Inácio	Choachí (CO)	1-12-1914	24-01-1972	57	Ciénaga (CO)	Bg
64 —	Sac. PARODI José	Paysandú (U)	31-03-1922	8-11-1970	48	Las Piedras (U)	U
65 —	Cl. PIETRYKA Stanisław	Krzemienica (PL)	26-04-1945	30-10-1971	26	Mielec (PL)	Kr
66 —	Sac. PINAFFO José	S. Giustina in Colle (I)	3-06-1887	25-08-1971	84	Altamira (VZ)	Vz
67 —	Sac. del RIO Mariano	Lucena (E)	7-05-1905	25-10-1971	66	Medellin (CO)	Md
68 —	Coad. RIZZO Beraldo	Ormea (I)	4-02-1896	5-02-1972	76	Bagnolo (I)	Cn
69 —	Sac. ROMAGNINO Francisco	Selargius (I)	2-11-1905	20-07-1971	65	Rosario (RA)	Rs
70 —	Sac. ROSSETTI Ermínio	Conegliano (I)	20-09-1874	27-11-1971	97	Lisboa (P)	Pt
71 —	Sac. RUPALA Ludovico	Mislowitz (PL)	3-06-1888	14-01-1971	82	Sokolów (PL)	Lz
72 —	Cl. SAIKO Vicente	Ranjkevec (YU)	2-01-1949	10-08-1971	22	Zelimiye (YU)	Lj
73 —	Sac. SALBECK Jorge	Schwandorf (D)	23-04-1902	17-06-1971	69	S. Francisco (USA)	SF
74 —	Sac. SASSI Antônio	Bibbiano (I)	28-08-1907	19-12-1971	64	Milano (I)	Lo
75 —	Sac. SCHEUERMANN José	Niederkirchen (D)	12-08-1895	21-10-1971	76	Waldwinkel (D)	Mü
76 —	Sac. SLOSARZYK João	Stara Wies (PL)	13-03-1895	18-12-1971	76	Kopiec (PL)	Kr
77 —	Sac. STREIT Jácomo	Monchstockheim (D)	19-12-1903	8-11-1971	67	Tehran (IR)	Or
78 —	Coad. SZENNIK Luis	Budapest (H)	14-01-1883	26-01-1972	89	Madrid (E)	Ma
79 —	Sac. TIETZ Antônio	Peine-Hannover (D)	15-10-1900	11-10-1971	71	Gerolstein (D)	Kö
80 —	Sac. TIRANTI Antônio	Vignaud (RA)	2-06-1928	17-11-1971	43	Rosario (RA)	Rr
81 —	Sac. TITTARELLI Henrique	Mazzangrugno (I)	16-01-1885	25-11-1971	86	Castellammare di S. (I)	Cp
82 —	Sac. TONEATTO Henrique	Flambro (I)	30-10-1900	12-01-1972	71	Bernal (RA)	LP
83 —	Sac. VASINA Miroslau	Bánov (CS)	12-10-1928	21-11-1971	43	Verbania (I)	Vn
84 —	Sac. WEIS Antônio	Neuburg (D)	6-03-1903	25-08-1971	68	Penzberg (D)	Mü
85 —	Sac. WLADARZ Hipólito	Pielgrzymowice (PL)	29-04-1907	17-11-1971	64	Mikolów (PL)	Kr

